

MEMORIAL *

ANTONIO OZAÍ DA SILVA **

“A atitude anacrônica de ler os desejos do presente no passado é uma técnica para a criação de um passado conveniente. É provável que este memorial traga uma rememoração do passado realizada num presente que se orienta para o futuro. Interrogar o passado em nome das perspectivas, das angústias e desafios do presente talvez não passe de uma forma de racionalizá-lo como a realização de tudo aquilo que poderia ter sido e que no presente nos empenhamos em esquecer que jamais assim o foi. Como escrever um memorial sem tornar ficção a própria trajetória?”

Walter Praxedes

“...um currículo não pode ser somente "edificante" e vitorioso: é também composto de indecisões, incertezas e derrotas.”

Maurício Tragtenberg

*“E as ilusões estão todas perdidas
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito”*

Cazuza

* Apresentado ao Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, como requisito para ascensão a Professor Associado, em agosto de 2012.



** **ANTONIO OZAÍ DA SILVA** é Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá; Doutor em Educação (USP).

Introdução

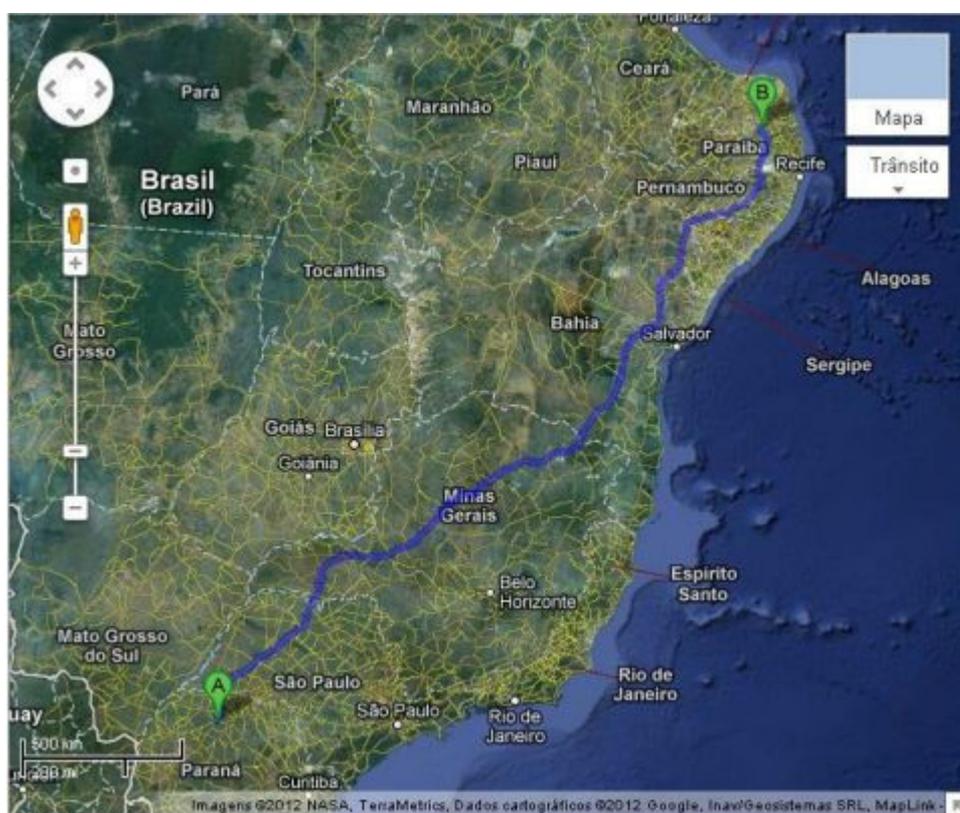
Escrever um memorial pode ser uma excelente oportunidade para auto-avaliar e refletir sobre os caminhos trilhados na vida pessoal e acadêmica. Até porque são aspectos imbrincados de uma mesma vida. O *eu* professor é inseparável do *eu* que nem se imaginava um dia cursar Ciências Sociais, ingressar na Pós-Graduação e concluir Mestrado e Doutorado. Por outro lado, o *eu* que atua enquanto educador, docente, desde 4 de maio de 1998, na Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Ciências Sociais, o *eu* autor que escreve artigos, livros e publica em blog, o *eu* editor das revistas *Acta Scientiarum Human and Socials*, *Revista Espaço Acadêmico* e *Revista Urutágua*, enfim, o *eu* público é o mesmo *eu* da vida familiar e privada. Embora tenha o cuidado de estabelecer fronteiras entre o *locus* da vida pública e o da vida privada, não há um muro intransponível. Os vários aspectos da minha atuação intelectual e profissional são faces de um mesmo *eu*.

É necessário, portanto, considerar a trajetória de vida que gerou o *eu* acadêmico, o *homo academicus* que sou. Em linguagem sociológica, inspirada em Pierre Bourdieu, trata-se de ter em consideração o *habitus* deste *eu* que se tornou professor universitário. Mas, por que fazer isto se este escrito tem como objetivo primordial cumprir exigências formais? Além disso, ainda que os membros da banca tomem seu precioso tempo para ler este memorial,

é de se imaginar se, e em que medida, lhes interessa o viés autobiográfico que tendemos a adotar nestas oportunidades? Por outro lado, escrever sobre si mesmo é correr o risco de pintar um auto-retrato cuja imagem seja uma vaga sombra e representação de uma vida. Toda biografia é essencialmente uma seleção e escrever um memorial enfatizando aspectos biográficos é apresentar ao outro a imagem que desejamos – consciente ou inconscientemente. Afora isso, há também o risco de sermos traídos pela memória. E, por fim, como bem alerta o amigo Walter Praxedes, há o risco do anacronismo, pois, “Como escrever um memorial sem tornar ficção a própria trajetória?” Como escrever sem cair na armadilha da auto-ilusão e, ao mesmo tempo, evitar construir uma representação ideal de si que expresse apenas o afago do ego? Parece-me, portanto, que devemos levar em consideração as armadilhas que a *escrita de si* acarreta.

1. O período formativo

Nasci no interior do Estado da Paraíba, num pequeno povoado de nome Santa Maria, a 3.141 km de Maringá (PR). A distância não é espacial e temporal. No espaço e tempo percorridos há uma trajetória, uma história de vida que explica o ser adulto, à beira do cinquentenário, que escreve estas palavras. Santa Maria, distrito de São João do Tigre, localiza-se na microrregião do Cariri Ocidental, clima semi-árido.



Sou o primeiro filho dos três que meus pais geraram e, como se diz no nordeste, *vingaram*. De fato, sou o segundo, pois houve uma primeira gestação abortada. Era uma menina e o aborto tem muito a ver com as condições precárias do povo da região. Nesta época, minha mãe morava num sítio e, com as dores que anunciavam a morte do feto, teve a ajuda de uma parteira para abortar. A mesma que fez o parto do meu nascimento, a Dona Antonia.

Meus primeiros rabiscos foram escritos a carvão na parede da casa que morávamos em Poção (PE), antes mesmo de ingressar no ensino formal. Segundo minha mãe, aprendi a ler antes da escola. A minha primeira professora, ainda de acordo com o relato da minha mãe, se chamava Ana. Minha mãe nos sustentava com a venda de peças de renda

*Renascença*¹ É um tipo de artesanato comum naquela região – minha mãe aprendeu ainda criança – e meio de vida para muitos. De fato, quem lucrava mesmo com este trabalho eram aqueles que compravam para revender nas regiões mais desenvolvidas do país, nas capitais do nordeste e mesmo para exportação (certa vez, fiquei emocionado ao ver peças de *Renascença* em Bruxelas-Bélgica, pois é algo que está vinculado à minha infância). Recordo que, ainda criança, fazia promessas para que minha mãe conseguisse vender o que produzia. Com o meu pai sempre ausente, o trabalho dela era essencial à subsistência da família.



¹ "A renda Renascença é uma técnica têxtil que teve sua origem em Veneza, na Itália, no século XVI, e foi introduzida no Brasil por freiras européias. O bordado delicado difundiu-se por aqui pelas mãos das rendeiras nordestinas, que passam a arte de geração em geração.

No ofício, linha, agulha e lacê bordam e alinham toalhas, lençóis, colchas, fronhas e mantas. As rendas Renascença são famosas pelo estilo de bordado feito exclusivamente à mão, com traços marcantes, em que predominam pontos exclusivos e entrelaçados delicados. Neste traçado, desenhos concêntricos se projetam em linhas sinuosas e divergentes. Tradicionalmente feita em tecido branco.

A produção chegou à Paraíba na década de 1950 e se concentra hoje na região do Cariri, onde mais de 400 rendeiras estão organizadas em cinco associações, que criam os bordados e já exportam para diversos países." Fonte: <http://manudesign1.blogspot.com.br/2011/01/renda-de-renascenca.html> Acesso em 11 de set. de 2012.

A Prof^ª. Ana me adotou intelectualmente – diz a minha mãe que aprendi a ler com 4 anos de idade. Quando voltei ao nordeste, em 1981, passei por Poção, em direção à vila que nasci, e consegui o endereço dela. Ao voltar para São Paulo, onde morava desde 1974, fui visitá-la na periferia da capital, em Ferraz de Vasconcelos. Consegui chegar à casa dela, depois de muitas horas, e me apresentei. Ela me pareceu surpresa com o meu gesto, mas acho que no fim entendeu e deve ter sido recompensador. Para mim era apenas uma forma de mostrar o meu reconhecimento e agradecimento a uma pessoa que teve uma contribuição fundamental em minha trajetória, em minha vida. Não devemos esquecer aqueles que marcaram nossas vidas e contribuíram no sentido de transformá-las. De certa forma, o que somos deve-se muito a elas. A gratidão é um tributo mais do que merecido. Foi essa moça que me ensinou as primeiras letras,

antes mesmo que eu adentrasse aos muros da escola. Não me lembro dos detalhes, mas sei que ela teve um significado muito importante em minha vida.

Recordo, no entanto, das minhas primeiras leituras. Fui iniciado, ainda na infância e antes mesmo de começar a vida oficial de estudante, através da literatura de cordel. Juntávamo-nos à noite, crianças e adultos, e eu lia à luz de candeeiro. As histórias e imagens fantásticas que emergiam daquelas rimas era algo fascinante para uma criança. Isso marcou a minha vida. A literatura de cordel foi essencial em minha formação intelectual. Ela despertou em mim o gosto de ler e fincou raízes que contribuíram para uma percepção e sensibilidade humanista diante das coisas simples do mundo, o que na academia chamam de “cultura popular”.



Meu interesse pela leitura se ampliou. Logo me tornaria leitor voraz e colecionador de gibis. Adorava as histórias dos super-heróis, especialmente as do Homem-Aranha e Batman. Também era fã dos gibis do Tex e dos personagens do Walt Disney (me divertia com as desventuras dos Irmãos Metralhas, Mancha Negra e a Maga Patológica; mas também com o Pateta e com as trapalhadas do Professor Pardal e a paródia do Batman, o Morcego Vermelho). Era pura diversão! No gênero terror, adorava ler as histórias do *Príncipe das Trevas*, Drácula.

Ler tornou-se um prazer! Mas era custoso e minha mãe não tinha como financiar. Se ela me dava algum trocado, eu guardava para comprar um gibi, em geral usado. Depois trocava por outros e assim ampliava o meu leque de leituras. Logo me tornei um hábil “comerciante” de gibis entre os meninos da minha idade. Quando mudamos para São Paulo, em agosto de 1974, tive que me desfazer dos muitos gibis que havia acumulado – pensando bem, dado as minhas condições econômicas, não deviam ser tantos assim. Em São Paulo, logo descobri os lugares onde eram comercializados gibis usados – às vezes andava quilômetros até o bairro do Ipiranga apenas para comprá-los. Juntei alguns e cheguei a expor nas feiras onde meu avô vendia fumo de corda. Ele com a banqueta de rolos de fumo e eu com os gibis, sobre um plástico, espalhados no chão. A mercadoria gibi, como valor de troca, não se mostrou um bom meio de ganhar a vida. Para mim, eles eram muito mais “valor de uso”; e era assim que se materializavam em minha vida. Minha carreira de vendedor de gibis foi um fiasco, mas ficou o amor pela leitura. Ainda gosto de gibis, embora há muito que não os leio (anos atrás, comprei uma edição especial do gibi

Tex, apenas para matar a saudade; foi como voltar no tempo).

Os gibis foram essenciais em minha formação intelectual. Essa afirmação pode parecer estranha, mas é verdadeira. E tive outras leituras também “estranhas”, como os *pockets* do gênero faroeste, policial, etc., comuns naquele tempo, e até mesmo fotonovelas que emprestava da minha tia. Também li as histórias do rei das selvas. Certa feita, caminhando pela Av. São João, na capital paulistana, deparei-me com uma promoção da coleção do Tarzan, de Edgar Rice Burroughs; eram oito livros, cada um mais volumoso que o outro. Não tive dúvidas, comprei e li todos. Não recordo exatamente o ano, mas foi na minha adolescência.

Todas estas leituras contribuíram para formar o leitor que sou. No entanto, chama a atenção o fato de que durante muitos anos, apesar de adorar ler e praticar a leitura, não havia sido iniciado nas obras literárias canônicas, ou seja, aquelas reconhecidas e legitimadas pela instituição escolar e uma certa concepção de cultura. Ou seja, da infância à adolescência, o espaço escolar não teve grande influência neste processo formativo. Pelo contrário! O estímulo para ler não vinha da escola. Não recordo de nenhum(a) professor(a) que tenha estimulado este hábito. Pelo contrário, as lembranças são desabonadoras: no colegial, peguei bronca com o autor de *Dom Casmurro*, que fui obrigado a ler e achei muito chato. Anos depois redescobri Machado de Assis e hoje sou admirador da sua obra (mas ainda não li *Dom Casmurro*).

O engajamento com a militância sindical, pastoral e política, me abriram novos mundos e possibilidades. Com o tempo, passei a ler obras de cunho político. À fase da revolta seguiu-se a

necessidade de esclarecimento. Os primeiros textos que fizeram a minha cabeça foram a Bíblia, “*O socialismo e as igrejas*”, de Rosa Luxemburgo, e o poema “*O operário em construção*”, de Vinicius de Moraes. Enquanto neófito da Teologia da Libertação, lia o texto bíblico sob a inspiração política e social. O *Sermão da montanha* (Mateus 5, 1-12) foi um dos preferidos. Também gostei do relato sobre como viviam os primeiros cristãos, em comunhão de bens (Atos, 4, 32-37 e 5, 1-16). A leitura da Bíblia dava-me respostas diante das injustiças sociais que sentia e via ao meu redor e reforçava a minha esperança utópica por uma sociedade justa e igualitária.

Este humanismo cristão encontrou guarida na literatura marxista. Devo esta

descoberta a uma amiga, na época em que era secundarista na *Escola Estadual Mário Casassanta*, na Vila Alpina, Zona Leste de São Paulo, capital. Foi a Cidinha quem me passou o poema “*Operário em construção*”, de Vinicius de Moraes e o texto “*O socialismo e as igrejas*”, escrito por Rosa Luxemburgo. O primeiro me sensibilizou demais. No sentido metafórico e real, reconheci-me nele: eu era um “operário em construção”, embora não fosse operário da construção, mas sim da Saab Scania. “*O socialismo e as igrejas*” confirmou a minha intuição e contribuiu para realizar a simbiose entre a minha maneira de ser cristão e o marxismo que se insinuava em minha vida. Sem dúvida, a influência da Cidinha em minha vida foi decisiva.



Turma na *Escola Estadual Mário Casassanta*, na Vila Alpina, Zona Leste de São Paulo, capital

Quando estava engajado na Pastoral Operária e nas CEBs, junto com a Cidinha, o Paulo Meksenas e outros, fazíamos uma interpretação bíblica inspirada na Teologia da Libertação. O

Livro Sagrado fornecia argumentos que fortaleciam a nossa utopia de uma sociedade justa e igualitária e orientava a nossa práxis política. Não a líamos como se lê um livro qualquer, mas

como a fonte da palavra revelada. Era uma atitude sincera, acreditávamos piamente. Hoje, porém, parece-me que, como os demais, interpretávamos a Bíblia de acordo com o nosso pensamento social, a ideologia cristã amalgamada com inspirações de uma certa leitura da obra de Karl Marx e Engels. Instrumentalizávamos a Bíblia, da mesma forma como se instrumentalizam teorias profanas que orientam práticas políticas conservadoras ou revolucionárias. A leitura que fazíamos da Bíblia era aquela compatível e justificadora da nossa prática política e objetivos ideológicos.

As “minhas universidades”² foram a fábrica, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, a Pastoral Operária, o Partido dos Trabalhadores e Maurício Tragtenberg. Na fábrica, aprendi na prática o que depois lia no *Manifesto do Partido Comunista* e outras obras de Karl Marx e Friedrich Engels. Desde o meu primeiro emprego formal, registrado em Carteira Profissional, aos 13 anos, numa marcenaria, manifestei a rebeldia diante de situações que considerava injustas. Estudava a noite, fazia o Ginásial – como dizíamos naquele tempo – e não podia fazer horas-extras. Às vezes chegava carretas enormes carregadas de madeira e todos eram mobilizados para descarregá-las. Isto, muitas vezes, ultrapassava o horário normal de trabalho e éramos pressionados a fazer hora-extra. Argumentei que não podia por causa da escola. E, ia embora. Certo dia, a chefia manteve fechada a chapeira onde ficavam os cartões de ponto; fui embora sem picar o cartão e no dia

² A referência é de Maurício Tragtenberg que, à maneira de Gorki, gostava de usar a expressão as minhas universidades para se referir às pessoas e instituições que contribuíram para o seu desenvolvimento intelectual.

seguinte fui convocado à administração da empresa. Repeti o meu argumento.

Tempos depois fui demitido após uma desavença com um colega de trabalho. O patrão mandou chamar a minha mãe e me passou um sermão na frente dela. Disse que eu era um menino trabalhador, mas que ultimamente estava se mostrando rebelde, ou seja, indisciplinado. Espontaneamente, e como para confirmar a acusação de rebeldia, disse-lhe que se não estava contente que me demitisse. E assim aconteceu! Na verdade, estava com sorte, pois era uma daquelas empresas que dificilmente demitia o empregado, para forçá-lo a pedir as contas ou induzir à demissão por justa causa. Lembro do trabalho nesta empresa, de como fui passando de uma função a outra, trabalhando em máquinas sem as devidas condições de segurança e que eram mais apropriadas para a mão-de-obra adulta. Recordo dos dias em que tínhamos que esvaziar toda a serragem que se acumulavam no subsolo. Era difícil respirar com todo aquele pó e calor. Para suportar a situação, usávamos panos como máscaras. Mas, foi uma fase importante.

Fui trabalhar em outra empresa, no ramo da metalurgia. Uma das minhas funções era catar o cavaco acumulado atrás das máquinas, bem como as chapas de aço furadas – como as grelhas de churrasqueiras – que eram vendidas para reciclagem. Devo ter ficado cerca de três meses nesta firma. Ainda trabalhei noutra empresa, no Cambuci, bairro de São Paulo, que produzia em metal logotipos industriais; uma das minhas funções era dar o acabamento após saírem do setor de pintura.

Finalmente, realizei o sonho de estudar uma profissão. Meu tio trabalhava na Saab Scania do Brasil, multinacional de capital sueco localizada em São

Bernardo do Campo (SP), e me trouxe os formulários para inscrição. O teste seletivo era concorrido e eram apenas 13 vagas. Não recordo quantos disputaram, mas eram muitos. Consegui uma das vagas e fiquei feliz pela perspectiva de aprender uma profissão e trabalhar numa grande empresa. O

sonho dos pais pertencentes à classe média é ver os filhos passarem no vestibular e ingressar na universidade pública; o sonho da minha mãe consistia simplesmente em ver o filho aprender uma profissão e ter um bom emprego! Ela ficou muito feliz com essa conquista.



SENAI *Almirante Tamandaré*, em São Bernardo do Campo (SP)

Em 1978, ingressei no SENAI Almirante Tamandaré, localizado no centro de São Bernardo do Campo, próximo ao Paço Municipal e não muito distante do Estádio de Vila Euclides, palco das imensas assembleias de trabalhadores e trabalhadores das indústrias metalúrgicas de SBC e Diadema nas greves históricas lideradas pelo companheiro Lula. O aprendiz de Mecânico de Automóveis, vinculado por contrato de trabalho à Saab Scania do Brasil, aprendeu muitos mais do que as lições teóricas e práticas da sua futura profissão. Seus melhores professores, com todo o respeito, não foram os que ele encontrou no espaço disciplinar, de uma disciplina rígida e quase militar, nas salas de aula do SENAI, mas sim os trabalhadores com quem conviveu nos estágios práticos na empresa, no ônibus que os transportavam e, especialmente, após a conclusão do curso, quando passou a exercer o aprendizado estudantil no trabalho diário fabril.

Esta foi a primeira decepção, pois a empresa utilizava os jovens que se formavam no SENAI conforme suas

necessidades e não de acordo com as exigências de aperfeiçoamento profissional. Assim, fui encaminhado para trabalhar na manutenção de máquinas – o que parecia promissor. Uma vantagem deste trabalho era a mobilidade por toda a empresa, o que permitia conhecer mais pessoas. A desvantagem é que, apesar da boa vontade dos companheiros profissionais, terminava por desempenhar funções – como lavar peças – que em nada contribuem com a minha formação profissional.

Com o tempo, fui transferido para a seção de empilhadeiras, mas para exercer a função de mecânico de bicicletas – necessárias para o deslocamento interno, devido à extensão territorial. Foi-me prometido que eu seria transferido para o setor das empilhadeiras. Na verdade, o companheiro que me ensinou a montar, desmontar e consertar as bicicletas foi transferido e eu continuei a fazer o serviço. De qualquer forma, este trabalho oferecia maior mobilidade pela empresa, a possibilidade de ter mais contatos, etc., e isto foi muito útil

quando passei a fazer trabalho sindical. Era o início da década de 1980.

O meu primeiro contato com os trabalhadores em greve foi em 1979. Nesta época, ainda estava no SENAI, mas, como o meu transporte era o ônibus da empresa, me chamava a atenção as estratégias que os fura-greve utilizavam para burlar os piquetes que encontravam no trajeto para a Scania. Às vezes, combinavam com o motorista, desciam e pegavam o ônibus mais adiante; noutras, tentavam se esconder agachando-se no interior do veículo. Quando eram pegos de surpresa, os piqueteiros faziam-nos descer; eu mostrava a carteira de estudante do SENAI e eles permitiam que eu seguisse a viagem. Um dia,

recordo bem, um deles disse: “Deixe o rapaz, é um futuro grevista”. E todos riram. Eu me sentia solidário com eles e envergonhado pela atitude fura-greve dos meus companheiros de ônibus.

Na greve dos metalúrgicos, em 1980, a *profecia* realizou-se. O aprendiz de mecânico tornara-se, pela primeira vez, um grevista. Toda a atmosfera que envolvia o movimento o deslumbrava, embora ele tenha passado por momentos de insegurança e medo diante da repressão. Ele permanecia aprendendo, mas agora a sua escola era a greve! Foi o melhor curso de Ciência Política que ele fez, num tempo em que nem sabia da existência desta disciplina; pode ser considerada a sua primeira ‘graduação’.



Então, já era sindicalizado. Sindicalizar-se foi um ato consciente! O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema foi outra das “minhas universidades”. Passei a frequentar o sindicato, assiduamente. Com a intervenção e a cassação da diretoria presidida por Lula, foram convocadas novas eleições. Certo dia, ao entrar no banheiro na Scania, deparei-me com um homem a colar adesivos e deixar propaganda da Chapa

1, a chapa apoiada por Lula e a diretoria cassada. Ele foi surpreendido pela minha presença, mas logo desfez-se qualquer dúvida. Eu me dispus a contribuir com a campanha. Isto significou uma participação mais ativa na vida sindical. Até então os meus vínculos eram os mesmos de dezenas de milhares de outros, ou seja, enquanto grevista e membro da massa de trabalhadores magnetizados pela fala carismática do líder.



Olhando pelo retrovisor do tempo, vejo aqueles dias como essenciais em minha formação. O impacto que este movimento teve em minha vida é indescritível. Considerando os acontecimentos posteriores, diria que, somando-se a outros fatores e “universidades”, foram definidores do que sou hoje. É impressionante o efeito de sentir-se na multidão, naquele contexto. O jovem que passou a atuar ativamente na campanha da Chapa 1 nada sabia das teorias que viria a conhecer depois pela leitura de obras políticas, sociológicas, históricas, etc., mas estava convicto do que era preciso fazer.

A oposição, Chapa 2, era capitaneada por Osmar, Batista e o Alemão, que também estiverem na linha de frente das greves anteriores, mas se colocavam na

contramão da formação do PT. Eram comunistas do PCB, PCdoB e MR-8. Quando eu era criança, em Paulo Afonso (BA), ouvira dizer que era preciso tomar cuidado com os comunistas, pois eles comiam criancinhas. Eu levava a refeição na marmita para o meu pai e, num certo ponto do trajeto, eu praticamente corria com medo dos comunistas. Isto ficou em algum lugar da minha mente e nada tem a ver com os comunistas que conheci naquela conjuntura. Ali, tratava-se de postura política. De certa forma, era natural que as gerações das greves de 1978/1980 se tornassem lulistas. A liderança do Lula era incontestável e isto ficou comprovado com vitória esmagadora da Chapa 1, com 89% dos votos válidos.

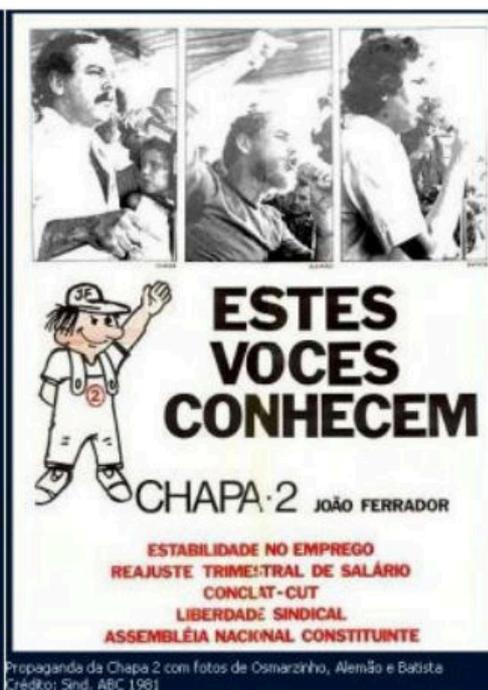
APURAÇÃO DOS VOTOS

Chapa 1:	27538
Chapa 2:	2901
Branco:	329
Nulos:	1057
Total de votos:	31825

Fonte: http://www.abcdeluta.org.br/materia.asp?id_CON=2709



Adesivo de propaganda da Chapa 1
Crédito: Sind. ABC 1981



Propaganda da Chapa 2 com fotos de Osmarzinho, Alemão e Batista
Crédito: Sind. ABC 1981

Os novos dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema foram escolhidos a dedo por Lula e os mais próximos a ele. Conheci a todos quando eram ilustres desconhecidos da categoria – ainda que respeitados e conhecidos em suas respectivas bases, nas empresas às quais estavam vinculados. Na verdade, foram eleitos com o cacife do Lula. Era a nova geração em ação, mas o Lula sempre estava presente, inclusive nas reuniões da diretoria e nas conjunturas em que sua experiência se fazia necessário. A reverência à sua liderança permaneceu. Quando passei a frequentar o sindicato, às vezes me deparava com o grande líder pelos corredores e salas do sindicato. Eu o admirava, mas, diferentemente de outros que o rodeavam como as mariposas em volta da luz, mantinha uma distância respeitosa.

Neste processo da eleição sindical, foi a primeira vez que, liberto da imaginação infantil, ouvi a palavra comunista. E, sinceramente, ainda que não

compartilhasse dos seus ideais, e até me assustasse devido ao componente ateu da mensagem, não os via como meus inimigos ou coisa do tipo. Com o passar do tempo, conheci alguns deles e mantivemos relações amistosas e de respeito mútuo. A minha formação católica-cristã e os meus vínculos com a Teologia da Libertação eram uma espécie de muralha protetora.

Um fato ilustrativo: quando ainda estudava o segundo grau, ou colegial, como chamávamos naquele tempo, um colega de turma, Luis, tentava me ganhar para o trotskismo. Talvez tenha sido a primeira vez que alguém me falou sobre o marxismo, o caráter da URSS, o significado do socialismo e do comunismo, Marx, Engels, Lenin e Trotsky. Seja como for, o discurso dele me assustava. A mensagem poética – representada pela influência da Cidinha – e a possibilidade de beber nas águas do marxismo sem ter que abrir mão da minha fé era um caminho mais atraente. Fui seduzido pela amiga e o marxismo-trotskismo ficou num plano secundário.

Anos depois, cheguei a ler a biografia de Leon Trotsky, escrita por Isaac Deutscher, e algumas das obras do fundador da IV Internacional, mas não aderi ao trotskismo. De certa forma, continuei sendo um humanista cristão, ainda que inspirado no marxismo. Mesmo quando a chama da fé cristã apagou-se em meu ser.

A minha experiência como operário da Saab Scania do Brasil foi enriquecedora e fundamental em minha formação. A participação na greve de 1980 foi decisiva. Naquele movimento, aprendi o sentido da solidariedade e da união dos trabalhadores em luta. Não foi necessário ler grandes obras teóricas para compreender o antagonismo entre capital e trabalho e o papel do Estado. Por outro lado, era um tempo em que a Igreja se mantinha fiel à “opção preferencial pelos pobres”. Em São Paulo, este apoio traduzia-se na mobilização das CEBs, pastorais, paróquias, etc., para arrecadar alimentos para o Fundo de Greve, e, talvez o mais importante, mobilizar o apoio e solidariedade ativas aos grevistas. Dom Claudio Hummes, bispo do ABC, apoiou abertamente o movimento e a Igreja Matriz virou palco de manifestações, ainda que sob o cerco da repressão. Aliás, a intermediação da Igreja também foi importante para, na medida do possível, moderar a ação repressiva. A atitude da Igreja perante o movimento dos trabalhadores se mostrava coerente com a Teologia da Libertação e reforçava a minha fé.

A greve de 1980 desvelou contradições e conflitos, inclusive familiares. Meu tio não concordava com a greve e chegou a pressionar psicologicamente a minha mãe com argumentos como a ameaça de desemprego. Afinal, eu era um jovem em início de carreira profissional. As empresas, por sua vez, ameaçaram

demitir por justa causa, sob alegação de abandono de emprego – caracterizado pela lei quando o empregado se ausenta sem justificativa por mais de 30 dias. Foram momentos decisivos e, na verdade, muitos sucumbiram à pressão. Nos mantivemos irredutíveis e só retornamos ao trabalho quando decretado o final da greve. O retorno à fábrica deu-se num clima de medo de represálias e demissão. O clima ficou ainda mais tenso com a demissão do dirigente sindical, Gilson Menezes. Recordo que, por coincidência, passei em frente ao setor administrativo e ele aguardava em frente. Naquele contexto, não era muito prudente aproximar-se cumprimentá-lo. Mas nem pensei, fui até ele e cumprimentei-o. Era a minha forma de dizer que estava solidário e de manifestar o meu respeito – mantido mesmo depois que, na política partidária, ele tomou outros rumos e saiu do PT. Gilson Menezes foi um dos primeiros prefeitos petistas, foi eleito em 1982, prefeito do município de Diadema. Nesta época, ainda morava na Vila IVG, Zona Leste de São Paulo.

As condições em que trabalhávamos, os recém-formados pelo SENAI, também contribuíam para manter acesa a chama da rebeldia. Desempenhávamos funções nem sempre condizentes com a nossa formação profissional e, mesmo os que eram mantidos em atividades profissionais compatíveis, ganhávamos muito menos do que os trabalhadores em geral. Começamos a nos reunir e conversar sobre a nossa situação. O próximo passo foi reivindicar reajuste de salário compatível com as profissões e funções. Eles nos recebiam, prometiam, tentavam nos convencer e enrolavam... Um dia, cansados da embromação, fomos diretamente à Diretoria, passando por cima de toda a hierarquia (chefia, gerência, etc.). Entregamos a nossa reivindicação ao

diretor que nos recebeu, que, aliás, nos recebeu com respeito e nos ouviu. Em nossa juventude, não tínhamos a exata noção do significado desafiador e inovador da nossa atitude perante a hierarquia.

O resultado do nosso movimento foi um reajuste de salário. Na verdade, queríamos ganhar o mesmo que os profissionais, pois desempenhávamos as mesmas funções. No entanto, foi uma vitória. Estávamos com a moral alta e éramos respeitados pelos demais trabalhadores. A consequência foi que ficamos visados pela chefia, gerência e o as autoridades administrativas. Nesta época, eu já participava da Pastoral Operária, tinha passado pela escola da greve e, naturalmente, despontei como liderança – e era assim que a hierarquia via as coisas.

Cada vez mais me envolvia com a militância sindical. Com a eleição da Chapa 1, liderada por Jair Meneguelli (presidente) e Vicente Paulo de Silva (Vicentino), como vice-presidente, passei a frequentar o sindicato quase que diariamente. Saía da fábrica e ia para o sindicato. Ali era a minha segunda casa. Naquele tempo, não havia Comissão de Fábrica na Scania. A direção sindical adotou a política de apoiar trabalhadores que se destacavam nas fábricas para disputar a CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes). A CIPA é prevista pela legislação trabalhista (CLT), enquanto um organismo paritário, com representantes dos trabalhadores e dos patrões, sendo que sua presidência é indicada pela empresa. A eleição para a CIPA garantia estabilidade de emprego pelo mandato e mais um período após o término deste. A estratégia era eleger cipeiros, os quais, com garantia de emprego teriam maior segurança para

atuar, inclusive tendo como perspectiva a conquista da comissão de fábrica.

Assim, fui candidato à CIPA, apoiado pelo sindicato, e eleito. Para mim, a eleição significava reconhecimento e confiança. Isto era muito importante, pois, embora jovem, havia conquistado o respeito dos mais velhos e profissionalmente mais experientes. Por outro lado, também significava a confiança dos companheiros do sindicato, especialmente do Henrique, a quem eu prezava muito. Não decepcionei a nenhum deles. Como cipeiro, procurei atuar em prol dos interesses dos trabalhadores, sempre próximo a eles, conversando, detectando problemas e encaminhando às reuniões formais da CIPA. Muitas das questões levadas às reuniões eram simplesmente rechaçadas sob o argumento de que não eram da alçada e atribuições daquela comissão. E, de fato, militância sindical e atuação como cipeiro mesclavam-se.

Isto ficou claro na greve que fizemos em 1982. Diferentemente de 1980, cuja greve foi fora das fábricas, nas praças, nas ruas, no Estádio de Vila Euclides, no Paço Municipal, na Igreja Matriz de SBC, a greve de 1982 ocorreu no interior da fábrica. Controlávamos os setores, fazíamos caminhadas com centenas de trabalhadores pelo interior da empresa para convencer os fura-greve e manter a unidade do movimento. Naquela conjuntura, tínhamos a fábrica em nossas mãos. Atuei junto aos diretores do Sindicato, Henrique e Gilberto, ambos trabalhadores da Scania (dirigentes de base). A empresa é enorme e tínhamos que nos desdobrar e contar com a contribuição de outros. Num desses controles da entrada para um determinado setor, apareceu o gerente da seção que eu trabalhava e queria

passar. Não deixamos. Este mesmo gerente tinha me chamado à sua sala, antes da greve, para conversar, Ele fez o discurso do pai que se preocupa com o futuro do filho, disse que eu tinha uma carreira profissional promissora pela frente, mas que eu precisava me afastar das influências, ou seja, deveria deixar a militância sindical. Acenou com melhorias na minha situação profissional – eu continuava descontente com função que desempenhava – e etc. Vi aquilo como uma tentativa de suborno. Não aceitei.

Depois da greve, fui demitido. Finalmente, o rebelde foi afastado. Imagino que foi uma repreensão do gerente pela audácia que demonstramos no período da paralisação – ou ele chegou à conclusão de que não havia mais “salvação”. Do ponto de vista legal, a demissão não podia ocorrer, pois eu tinha estabilidade no emprego como membro eleito pelos trabalhadores para a CIPA. Mas o que pode a lei diante do poder do dinheiro? O Sindicato acionou o setor jurídico e, após as negociações, fui aconselhado pelo advogado, o Dr. Maurício, a aceitar o acordo proposto pela empresa. Foi argumentado quanto à incerteza de conquista da readmissão, além da lentidão prevista – o processo poderia demorar anos. A perspectiva de ficar desempregado e sem salário não era nada boa, pois como arrimo da família e filho mais velho eu tinha a responsabilidade de contribuir para a subsistência familiar. Por outro lado, eu era jovem, confiava no Sindicato e no seu representante jurídico. Aceitei o acordo e, assim, selei a minha carreira como operário – voltaria à trabalhar em fábrica anos depois, mas por breves períodos. A minha vida seguiria outros rumos.

Na história não há “se” e não somos adivinhos para saber o futuro e as consequências das nossas decisões. Eu não tinha consciência disso, mas ao aceitar o conselho do advogado renunciei à possibilidade de vir a me tornar dirigente sindical. Esta perspectiva não estava em minha mente, naquele momento era uma questão de sobrevivência. Desempregado, fui acolhido pelo sindicato. Passava os meus dias por lá, logo cedo estava em frente às portas das fábricas distribuindo o jornal *Tribuna Metalúrgica*, almoçava por lá e ficava até a noite. As vezes, nem voltava para casa, dormia na casa de algum companheiro. Minha mãe se acostumara e confiava em mim. Então, recebi uma proposta que me pareceu ótima: fazer parte da equipe responsável pelo trabalho sindical na subsede de Diadema. Eu iria trabalhar junto com o João Paulo e o Mauro, amigos e compadres até hoje. O meu trabalho era o mesmo e cumpria o mesmo papel dos dirigentes sindicais eleitos pela categoria. Não era dirigente sindical do ponto de vista do direito formal, mas era de fato. E pouco a pouco obtive o reconhecimento dos trabalhadores e trabalhadoras das metalúrgicas de Diadema. De manhã, na hora do almoço e no horário de saída, entregávamos o jornal da categoria, o *Tribuna Metalúrgica*, ou, quando necessário, um boletim específico para aquela fábrica, repleto de denúncias colhidas com os trabalhadores que passavam a frequentar a subsede ou nos procuravam apenas para fazer a denúncia. Publicizar era uma forma de mobilizar e de mostrar à empresa que sabíamos. O próximo passo era mobilizar os trabalhadores, formalizar uma pauta de reivindicações e negociar com a empresa. Isto exigia organização de base, reuniões, etc. Quanto mais os trabalhadores estivessem mobilizados

maior a possibilidade de conquistas nas negociações. De outras vezes, desempenhava atividades formais, previstas em lei, mas que permitia o contato com os trabalhadores. Em meio a tudo isso, havia a preocupação com o trabalho de formação e da organização de base. Os companheiros que se destacavam, a exemplo do que aconteceu comigo, eram apoiados para se elegerem à CIPA e comissões de fábrica que surgiam. Vez ou outra fazia assembleias nas portas das empresas – o primeiro desafio era conseguir que parassem e aguardassem.

Avaliando retrospectivamente, penso que me saí muito bem no desempenho da minha função de direção sindical de fato. Recordo de alguns momentos marcantes, como a primeira greve que acompanhei e negociei na Blindex, a greve na Irmãos Parasma e outras. Uma lembrança negativa se refere a uma micro-empresa de Diadema, que terminou com a demissão dos trabalhadores e trabalhadoras diretamente envolvidos, em sua maioria

jovens. A vida nos ensina também com as derrotas e fracassos. Os aspectos mais impactantes nesta fase foram o convívio com os companheiros na subsede, no sindicato em São Bernardo do Campo, as pessoas que conheci neste período, trabalhadores e trabalhadoras que passaram a frequentar a subsede e a assumir a militância sindical, as atividades desenvolvidas – inclusive a exibição de filmes no Projetor 16 mm e/ou videocassete, as conversas no bar ao lado da subsede, as paixões que despontaram, etc.

Foi na subsede de Diadema que conheci a ‘baixinha’, como a chamávamos naquela época. Mulher aguerrida, lutadora, logo conquistou a minha admiração. Ficamos amigos, namoramos e casamos. O que sou devo muito ao apoio e companheirismo dela: Auxiliadora Maria da Silva. Foi ela quem esteve comigo nos momentos mais difíceis da minha vida, bem como quem compartilhou cada avanço em minha trajetória profissional e intelectual.



Operária Metalúrgica discursa em assembleia no Estádio Baeta Neves (SBC), em 1985

Auxiliadora Maria da Silva (1985)

Ainda na fase da minha vivência no sindicato, quero registrar os nomes de algumas das pessoas que fora fundamentais, que me apoiaram e incentivaram quando precisei; pessoas cuja amizade guardo com carinho, apesar da distância e dos rumos diferentes que as nossas vidas tomara. Refiro-me ao João Paulo, Mauro, Claudio, Goreti, Didice, Regina e Léo. Eles foram imprescindíveis e, cada um, à sua maneira, influenciou positivamente a minha caminhada. Quando caí em desgraça perante a diretoria do sindicato, por insistir em pensar de forma independente e também por ciúmes e mesquinhez de alguns, o João Paulo e o Mauro foram os únicos que me apoiaram.

Os aprendizes de “big brother” vigiavam o meu comportamento nos encontros partidários. As “vozes da delação” disseram aos meus “patrões” que apoiei posições que não coadunavam com a “linha política” da direção. Fizeram intrigas, me “queimaram”. Falaram que eu havia aderido ao “grupo do Genoino”, que, na época, era considerado revolucionário. Outros, diziam que eu era da Convergência Socialista. E quando esta articulou a formação do PSTU, espalharam que eu havia aderido e estava em sua direção nacional.

A minha obstinação em pensar com a própria cabeça, em não “rezar a cartilha” com obediência cega, e, enfim, a minha postura crítica e independente, alimentou a “fogueira da inquisição”. A situação tornou-se insuportável e o tribunal reuniu-se para julgar o acusado. Então, para a minha tristeza, vi que as acusações não eram apenas de cunho político, mas envolvia até mesmo a minha vida pessoal. O companheiro Lula estava presente neste dia e permaneceu em silêncio. Apenas dois

tiveram a coragem de me defender: Mauro e João Paulo. Jamais esquecerei.

Foi um julgamento político. De repente, as pessoas que eu confiava e respeitava me julgavam como a um herege que ousa desafiar o dogma. Fiquei sabendo, então, que até a forma como votava nos encontros estaduais do PT era vigiada. Não toleravam meu bom relacionamento com companheiros que eram críticos à diretoria e imprimiram o selo do “não plenamente confiável” em minha testa. Junto às acusações políticas, havia as injúrias de caráter pessoal.

Neste dia, recordo bem, chorei – e a “baixinha” estava lá ao meu lado, me apoiando. Minha vida deu um giro de 360% graus. Eu, que respirava o ar daquele ambiente como necessário ao viver, vi-me excluído dele como uma espécie de doença contagiosa. Tive que procurar outros caminhos e... sobreviver. Foi outro momento de derrota em minha vida, mas que me ensinou muito e ajudou a consolidar o sentimento de liberdade em meu espírito.

Ali decidiu-se o meu futuro. Foi um dos piores momentos da minha vida. Não é fácil ser julgado pelos próprios companheiros. Romperam-se os laços de confiança. A convivência com aqueles com quem aprendi a fazer política tornou-se impossível e tive que me retirar. Foi necessário repensar toda a minha vida, fazer novos planos, buscar novos rumos e tentar sobreviver. Afastei-me do sindicato para recomeçar a vida. Precisei fazer uma espécie de reciclagem profissional na tentativa de voltar à fábrica. Na verdade, desaprendera o que aprendi no SENAI e, por falta de prática profissional, teria que recomeçar. Poderia ser um assessor sindical ou político, mas não recebi

ofertas, apesar de ser conhecido e ter contatos no PT e na CUT.

Apreendi, então, que na política ou reza-se a cartilha e segue-se o comboio sem questionar ou devemos nos preparar para as consequências do isolamento, que também é econômico e social. Tentei fazer um aperfeiçoamento profissional na oficina de mecânica de um companheiro ligado à Oposição Metalúrgica de São Paulo, indicado pelo Leo. Não deu certo. Fui, então, para a escolinha do MOSMP, reaprender uma profissão. Foi uma experiência também formativa, pois convivi com o “outro lado”. O sindicalismo de São Bernardo do Campo e da Oposição Sindical Metalúrgica tinham divergências políticas e sindicais que também se refletiam na CUT e no PT. Acusavam-me de estar do “outro lado”, o que não era verdade. Mas, ironicamente, foi no “outro lado” que encontrei apoio – embora também me vissem como “de São Bernardo”.

Mesmo afastado do ambiente que me ensinou e formou a minha consciência política – junto com a PO e o Núcleo do PT do Parque São Lucas – mantive as amizades que conquistara. Recordo das longas conversas com o Léo no sindicato e na casa dele, regada a vinho; dos bate-papos com a Regina e do trabalho dela no setor de formação, enquanto organizadora da infraestrutura que tornou possível a realização do Congresso de Fundação da CUT, em 1983 – com o qual também contribuí sob a coordenação dela; por vezes, ficava horas a fio conversando com a Goreti, sempre animada e de gargalhadas contagiadas; e, da Didice, sempre bem disposta e acolhedora. Não foi por acaso que a Regina e Didice foram minhas madrinhas de casamento; e a Goreti, madrinha da minha primeira filha; o João Paulo foi da segunda e o

Mauro da caçula. Nossas vidas ficaram ligadas, apesar das vicissitudes da política. Pois uma amizade verdadeira não se rompe por divergências circunstanciais ou de caráter político.

Quanto à minha excomunhão, o primeiro sinal de que as coisas não andavam bem foi o interdito do Presidente Jair Meneguelli à minha escolha pela Secretaria Nacional de Formação da CUT para ser um dos participantes de um curso em Cuba. Ele me convocou à sala dele e foi categórico: eu não iria. Fui substituído por outro companheiro do seu círculo mais próximo e confiável. Nas eternas intrigas políticas pelos corredores da vida, fui preterido por ser identificado com “o outro lado”. E assim aprendemos!

Em resumo, a minha experiência de vida como aprendiz de mecânica no SENAI de São Bernardo do Campo (SP) me levou a ter contato com as greves metalúrgicas que abalaram os alicerces da ditadura militar. Ao me identificar com o destino daqueles homens e mulheres que ousavam desafiar a ordem e a ditadura civil-militar, também me tornei um grevista e me envolvi com a militância sindical. Paralelamente, a partir da minha convivência no bairro em que morava e na escola Mario Casassanta, descobri a Pastora Operária. A rota que me levou à Igreja da Libertação foi, portanto, a experiência como operário “em construção” que toma consciência de si e da sua classe.

A Pastoral Operária do Parque São Lucas, Zona Leste da capital paulistana, foi outra das “minhas universidades”. Foi aqui que conheci uma nova forma de ler a Bíblia, que descobri que a religião era algo mais do que o “ópio do povo”, que a minha fé e crença no Deus Único, Onipotente e Onipresente fez

sentido. Foi na PO que conheci pessoas maravilhosas, companheiros e companheiras de caminhada e de luta, amigos e amigas e as agruras do amor não correspondido. Na militância pastoral descobri a habilidade de coordenar um grupo de pessoas e vi que, ainda que caminhemos a mesma caminhada, não o fazemos no mesmo ritmo e nem partilhamos da mesma opinião sobre qual é o melhor trajeto. As histórias de vida, personalidades, expectativas, etc., influenciam, e muito, na convivência em grupo. Além disso, havia as relações com os demais grupos da PO na região e na capital. E nem sempre tínhamos as mesmas posições sobre as questões que a conjuntura impunha. Descobri um certo dom de polemista, ou mais exatamente um pensar questionador que não se conformava às estruturas e lideranças, e, simultaneamente, uma certa impaciência com as posturas de conciliação nos momentos em que, a meu ver, exigia-se ousadia.

A minha impaciência se traduzia num certo radicalismo típico dos mais jovens. No início da década de 1980, houve eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, controlado pelo Joaquinzão, interventor desde o golpe de 1964. A Pastoral Operária de São Paulo reuniu-se para debater a conjuntura sindical e política. Eu estava entre os que defendiam que a PO deveria se posicionar; a outra posição argumentava que, enquanto um grupo vinculado à Igreja, não tínhamos este papel. E, de fato, a PO não é um grupo político, uma organização política ou um partido, no sentido restrito do termo. Por outro lado, na prática na militância da PO estava engajada na campanha da oposição sindical, ou seja, não era preciso formalizar uma decisão. Isto, analisado retrospectivamente.

Os argumentos não me convenceram e não tinha todas as informações ou a capacidade de perceber a inconsistência da polêmica. Então, insisti contra a posição da liderança e, num rompante, recorri a uma citação bíblica: “Conheço tua conduta: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar de minha boca” (Apocalipse, 3, 15-16). Mas nem isso foi suficiente para demonstrar a minha sinceridade de propósito. A referência à autoridade da Bíblia não mudou os rumos da discussão e continuei em minoria. Aliás, isto tornou-se um fato comum em minha vida!

No entanto, a impaciência e um certo radicalismo demonstrado neste e em outros momentos me valeram a desconfiança velada quanto ao meu comprometimento cristão. Anos depois, na pesquisa para o mestrado, ao entrevistar a mesma liderança com a qual polemizei, conversamos em off sobre o passado comum e, bem-humorado, ele me disse que naquela época desconfiavam que eu fosse um militante da Juventude Comunista infiltrado na PO. Ri! Não imaginava que havia chegado a este ponto. Hoje, percebo bem que esta desconfiança tem como fundamento a minha recusa em submeter-me ao grupo, em preservar a individualidade, o espírito livre e o pensamento crítico. Isto ficou claro em outros momentos da minha vida e confirmam a minha incapacidade de adequação à um grupo político que exija fidelidade e obediência cegas – ou, como dizíamos, que reze a cartilha sem questionar. Isto é sufocante, pois pressupõe o silêncio, quando é necessário falar e até mesmo gritar, e a anulação do pensamento crítico, da dúvida. Com o tempo, aprendi a ser mais paciente.

A práxis religiosa, inspirada na Teologia da Libertação, alargou os meus horizontes e me proporcionou conhecer homens e mulheres, jovens e adultos, com os quais me identifiquei. Elas e eles eram da Pastoral Operária, mas também da Juventude Católica, da CEBs, da JUC, etc. Também nos encontrávamos na luta sindical e no partido. A militância sindical e pastoral levaram-me naturalmente para o Partido dos Trabalhadores. A minha identidade de operário vinculado à história dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, aliada à minha formação religiosa, explicam a opção. Vale lembrar que a Teologia da Libertação foi uma das componentes importantes entre as matrizes que se juntaram para criar o PT.

Quando assumi a militância partidária, e saí da Pastoral Operária, houve uma identificação “natural” com a base social que legitimava a liderança sindical-petista. Quando estes, em 1983, organizaram a “Articulação dos 113”, conseqüentemente eu estava entre os que lhes davam sustentação política. Militava, então, no Núcleo do Parque São Lucas, Diretório de Vila Prudente, Zona Leste da capital. Foi uma fase importante em minha vida, fiz amizades que guardo com carinho e dei meus primeiros passos no aprendizado da luta política partidária. Cheguei a participar, na qualidade de delegado, de alguns encontros estaduais, nos quais ficava admirado com a capacidade de oratória dos líderes da esquerda, particularmente José Genoino e Valério Arcary. Embora votasse com a maioria lulista não era surdo às críticas e propostas, as quais nutriam o gérmen da dúvida.

Permaneci na base até abandonar, em 1991, a militância petista. Não ocupei cargos importantes na estrutura partidária. Éramos os que levantavam os

braços e apoiavam a política dos líderes; éramos os que “carregavam o piano” para que eles tocassem. A música iludia os nossos sentidos. Acreditávamos neles e imaginávamos que compartilhavam a mesma utopia. Talvez eles também acreditassem, mas foram seduzidos pelo canto da sereia! Éramos, na verdade, aprendizes da difícil arte de fazer política. Não obstante, ainda que hoje eu não me reconheça em seus atos e na política que defendem, eles também foram parte das “minhas universidades”.

A minha experiência no sindicalismo de São Bernardo do Campo e Diadema e no PT me empurraram para a margem esquerda. Em Diadema, ainda no PT e sob a influência do companheiro Mauro, aproximei-me de um dos grupos do partido, os “Independentes”. O grupo era formado por metalúrgicos da base que não concordavam com as organizações e agrupamentos políticos que faziam oposição à Articulação, mas também não se aliavam a esta. O grupo tinha caráter local e a participação de professores da rede pública estadual – ensino médio e fundamental – com destaque para a liderança do companheiro Tonhão. Mas, também aqui, não consegui me adaptar. Acabei me afastando. Nessa época, os companheiros da Convergência Socialista e de outros agrupamentos menores dissidentes do PT articulavam a formação de um novo partido, o PSTU. Tentaram nos convencer a aderir a este projeto, mas nos mantivemos firmes no PT, embora com muitas críticas. Tempos depois da minha desfiliação do PT, encontrei um amigo dos tempos do Núcleo do PT do Parque São Lucas e ele me perguntou se eu estava no PSTU. Respondi que não e ele me disse que corria o boato de que eu era da direção do PSTU. Poucos anos antes, também alardearam a falsa

informação de que eu seria membro do PRC, a organização do José Genoino num tempo em que era minoria no PT e alternativa oposicionista à *Articulação dos 113*. Assim eram as coisas naquele tempo! Se você quer “queimar alguém”, como se dizia no período, comece por colar um rótulo nele, ainda que seja mentira e fofoca politiquês.

Aos poucos fui descobrindo que o autoritarismo está no código genético da esquerda. O meu apego à liberdade de pensamento era inconcebível numa realidade em que as relações humanas são determinadas por vínculos políticos-sindicais no espírito de confraria. É preciso acomodar-se, adaptar-se, prostituir a própria consciência. A minha recusa a jogar o jogo sem questionar as regras do jogo me empurravam para uma esfera da política na qual predominam valores libertários. Eis aqui outra das “minhas universidades”: Maurício Tragtenberg. Caminhando nas trilhas do sindicalismo, da Teologia da Libertação e do petismo, cheguei à Marx, Lenin e aos clássicos do marxismo. O meu caminho para o pensamento libertário passa pela convivência com Maurício Tragtenberg.

Era uma tarde de sábado do ano de 1987. Não recordo o dia, por mais que me esforce. Mas lembro-me vivamente dos detalhes. Encontrei-o na PUC/SP e conversamos alguns minutos. Estava ali, por sugestão do Ricardo Antunes, para solicitar que contribuísse com a divulgação do *História das Tendências no Brasil*. Ofereci-lhe um exemplar, ele fez questão de comprá-lo. Ele foi muito amável e generoso, deixando-me à vontade. Esta generosidade, aliada à simplicidade no vestir e no falar, quebrou o meu encanto sobre a imagem que até então tinha sobre o intelectual universitário. O desencanto deu lugar a

uma admiração sincera e livre das ilusões que cercam as relações no *campus*.

Algum tempo depois, ele publicou a resenha “*Confiança no processo*”. Suas primeiras palavras foram: “O autor não é um intelectual, o que diz muito a seu favor”. Eu era um simples autodidata que ousou adentrar na “Casa de Salomão” e conhecer Maurício Tragtenberg. Este encontro marcou-me e foi decisivo nos rumos que tomou a minha vida.

Nos poucos contatos que tivemos após o encontro na PUC/SP, Tragtenberg estimulou-me a estudar. Chegou a entrar em contato com uma parlamentar petista para saber da possibilidade de uma bolsa de estudos. Ele foi importante para a minha decisão de retomar os estudos formais. Terminei por cursar Ciências Sociais na Fundação Santo André. Maurício se tornaria o meu orientador no mestrado na PUC/SP. Mais que orientador, ele foi um amigo e companheiro.

Com Maurício Tragtenberg, passei a conhecer a literatura libertária. Na época em que o conheci, e mesmo durante o mestrado, ainda estava embevecido com a obra de Marx/Engels e dos marxistas, como Lenin, Trotsky e Rosa Luxemburgo. Maurício respeitou-me, aceitou o meu tema de pesquisa e deixou-me livre. Ele investia na autonomia do orientando. Às vezes indicava um livro ou outro, e até me presenteava. Jamais tentou me converter. Sua influência se dava muito mais pelo exemplo e seu jeito de ser. Foi por suas atitudes que me conquistou.

Tragtenberg foi a minha inspiração para conhecer o marxismo heterodoxo e os autores clássicos do anarquismo. As minhas leituras anteriores, por exemplo

de “A Revolução Russa” (Rosa Luxemburgo), de “Memórias de um Revolucionário” (Victor Serge), a biografia sobre Trotsky, escrita por Isaac Deutscher, além do livro “A oposição operária” (Alexandra Kollontai), já haviam aguçado a minha visão crítica. A minha formação na Teologia da Libertação também contribuiu.

A partir da convivência com Maurício, também fiquei sabendo sobre Kronstadt e Nestor Makhno. A minha percepção crítica sobre os descaminhos da Revolução Russa e do significado do “socialismo realmente existente”, aliado à experiência da militância, me afastou cada vez mais do chamado marxismo-leninismo, em sua vertente stalinista ou trotskista. Estava aberto a conhecer o pensamento libertário.

Fiquei encantado com a descoberta que fiz a partir das obras dos autores anarquistas, mas isto não foi suficiente para decidir pela militância em algum grupo libertário. Por outro lado, o anarquismo acadêmico também não me atraiu. Não me considero um convertido ao anarquismo, embora reconheça sua influência sobre o que sou. Faz parte das “minhas universidades”. Por outro lado, também não renego a influência da obra de Marx/Engels e dos marxistas em minha vida. Como Maurício, segui só pela estrada da vida.

Dizem pelos corredores, de maneira elogiosa ou pejorativa, que sou anarquista. Quando me indagam publicamente, afirmo apenas que sou paulista. A patrulha ideológica, com as cobranças para que nos enquadremos num dos “ismos” disponíveis no mercado simbólico das ideologias é incapaz de aceitar isto. No entanto, não me parece tão importante assumir um rótulo ideológico. Mais importante é a prática e as atitudes. Persisto no

ceticismo, duvidando dos dogmas e das certezas definitivas, sejam elas religiosas ou das ideologias seculares. A minha bússola é a dúvida e a liberdade; são elas que orientam o meu agir e o ser no mundo!

Para finalizar esta parte, e peço desculpas por me estender tanto, quero registrar a contribuição de todos os meus professores e professoras da graduação, realizada na Fundação Santo André (região do ABCD), especialmente à professora Marly Spínola. Os anos da graduação em Ciências Sociais estão entre os melhores da minha vida. O ambiente da faculdade, a companhia dos demais colegas de turma, os debates no “Pinicão”, a Biblioteca, as conversas, as aulas, etc., marcaram uma fase importante em minha formação. Com efeito, a escolha do curso foi coerente com a minha trajetória política. Foi a escola da vida pastoral, sindical e política que me preparou para a faculdade e a carreira docente que seguiria. Neste trajeto, também foi importante o tempo que trabalhei com os jovens do Ensino Fundamental e Médio na Escola Estadual General José Artigas, em Diadema, e na Escola Estadual Bento Pereira da Rocha, no Guacuri, em São Paulo (divisa com Diadema).

Quero, ainda, fazer um registro especial de alguém que tem sido muito importante em minha formação. Cheguei a Maringá em 1998 e logo conheci Walter Praxedes. Numa das nossas primeiras conversas, descobrimos que tínhamos muito em comum. Os laços de amizade fortaleceram-se com o passar do tempo, como também a minha admiração pelo intelectual e educador. O amigo Walter Praxedes foi o meu co-orientador, conselheiro e interlocutor. Para mim, foi

um exemplo a se espelhar e como ser humano é alguém *sui generis*. Mais que amigo, um irmão; mas que irmão, um mestre. Aprendi muito com ele e, com certeza, a vida teria sido mais difícil em Maringá se não o tivesse conhecido. Presto esta homenagem com sinceridade.

Da mesma forma, quero registrar a contribuição à minha formação do orientador e amigo, Nelson Piletti. E aqui renovo meu agradecimento por me propiciar a experiência de fazer o doutorado na USP. Em nossa relação de orientador-orientando, Nelson Piletti me fez lembrar de Maurício Tragtenberg: a mesma aposta na autonomia do educando, o respeito intelectual à liberdade do orientando, a disponibilidade e sensação de segurança que passa. Posso afirmar que tive a sorte, muita sorte de tê-los como orientadores.

2. Práxis docente

A práxis docente refere-se à fusão prática e teoria, à reflexão permanente sobre a prática. Por outro lado, a docência é compreendida aqui não apenas em seu aspecto formal, ou seja, restrita ao desempenho profissional como professor de disciplinas curriculares, mas sim como prática educativa. Neste sentido, abrange o período em que desempenho tarefas acadêmicas e também a fase anterior ao ingresso na universidade.

Ingressei na UEM em 4 de maio de 1998. Antes, porém, trabalhei como professor na Escola Estadual de 1º e 2º Grau General José Artigas, em Diadema; e, na Escola Estadual de 1º e 2º Grau Bento Pereira da Rocha. Foi uma experiência inovadora e instigante e que me fez crescer como ser humano e educador. Avalio que esta vivência com os jovens, e alguns adultos que tive

como alunos do Ensino Médio, contribuiu para minha práxis docente na universidade. E o afirmo não apenas pelos aspectos positivos, mas também pelos fatores negativos, os quais resultavam em desafios. Recordo, por exemplo, que desisti de uma turma na escola General José Artigas, declarando, assim, a minha incapacidade como professor daqueles jovens. A inexperiência nos leva a tomar decisões que, em outro contexto, com maior experiência seriam diferentes. Hoje, a favor daqueles jovens, devo dizer que o estranhamento entre professor e alunos, a ponto do educador desistir deles, não é algo restrito à idade juvenil dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Em minha práxis docente na universidade vivi situações que me fizeram pensar em desistir. De qualquer forma, trabalhar no Ensino Fundamental e Médio foi muito importante em minha trajetória como educador.

Muito antes de imaginar que poderia ser professor, fui um educador. Foi assim em minha prática de militante sindical na subsede do Sindicato dos Metalúrgicos em Diadema, com os trabalhadores e trabalhadoras. Entre as atividades que desenvolvia, passava filmes para estimular a reflexão política e social. Os participantes eram lideranças que despontavam nas fábricas e que passavam a frequentar o sindicato com maior assiduidade. Às vezes, organizávamos uma atividade desse tipo convidando os trabalhadores e trabalhadoras de uma empresa específica. Sem o saber, desempenhava a função do educador popular.

Isto ficou ainda mais claro e intenso após a publicação do *História das Tendências no Brasil*. A minha geração carecia de conhecimento sobre a história política e das lutas sociais no Brasil – e aqui não me refiro apenas à

idade, mas também à geração que despertou para a luta sindical, social e política no final da década de 1970 e inícios dos anos 1980. Esta geração, independente de idade, não havia passado pela experiência das lutas políticas e sociais que antecederam ao golpe de 1964 e nem na resistência à ditadura civil-militar no pós-golpe. É uma geração sem experiência na política partidária, que desconhecia o marxismo, o comunismo e, às vezes arrogantemente, agia como se a história das lutas dos trabalhadores tivesse começado com as greves dos metalúrgicos em 1978.

Por outro lado, as divergências e disputas políticas no interior do movimento sindical e popular e no recém-criado Partido dos Trabalhadores estimulavam muitos a conhecerem a história do comunismo e do marxismo no Brasil. O *História das Tendências no Brasil* cumpria este papel e passei a ser convidado a dar cursos por este país afora. Fui ao Estado do Amazonas e falei para uma plateia imensa de estudantes na UFAM, com a impressão de que a minha exposição não estava convincente, conversei com sindicalistas metalúrgicos e organizamos atividades, etc. Fiquei praticamente uma semana por lá. Viajei também para Belo Horizonte (MG), Vitória (ES) – onde trabalhei com um grupo de pessoas ligadas à luta dos trabalhadores rurais e sem-terra –, Uberlândia (MG) e outras cidades que não recordo. Nestas viagens conheci pessoas com as quais aprendi muito e que marcaram e transformaram a minha vida. Nem tudo é efêmero!

Um aspecto interessante dessa geração é que sua formação política passava pela influência da Teologia da Libertação. Eles e elas participavam de pastorais, CEBs, movimentos sociais, etc. Alguns,

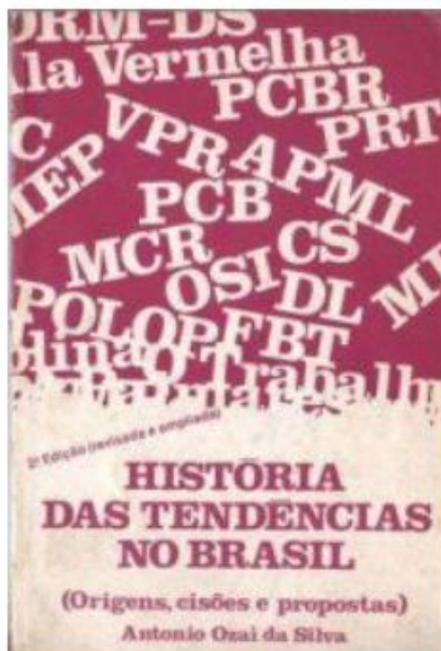
inclusive, exerciam o sacerdócio – o que me colocava numa situação peculiar, pois de repente eu me via na posição de educador diante de pessoas de idade mais avançada que a minha e mais experientes. Com o tempo aprendi que sempre temos algo a ensinar e aprender com os outros, independente da idade e da função que desempenhamos na vida.

Em certo momento, passei a frequentar o Núcleo de Educação Popular – 13 de Maio, localizado na Vila Mariana, na capital paulistana. O Leo do setor de formação do Sindicato dos Metalúrgicos em São Bernardo, era do NEP-13 de Maio e foi ele quem me estimulou a frequentar, a participar dos cursos oferecidos e das conversas às quintas sobre análise de conjuntura econômica com o prof. José Martins. O NEP-13 de Maio também passou a me convidar para dar alguns cursos, a partir dos contatos que tinha. A ida para o estado do Amazonas, por exemplo, foi por intermediação do NEP-13 de Maio. Por outro lado, me incentivaram a escrever material didático publicado pelo NEP e direcionado aos trabalhadores e movimentos sociais. Isto, além de representar uma renda num momento em que eu estava desempregado, foi ótimo para a minha formação – tive que pesquisar, sistematizar leituras, escrever. Aprendi muito. Agradeço a todos do NEP-13 de Maio por proporcionaram esta contribuição fundamental à minha formação como intelectual. Agradeço especialmente ao Leo, Manoel Del Rio e Gorete.

Foi o Núcleo de Educação Popular – 13 de Maio que deu apoio político e financeiro à publicação da obra *História das Tendências no Brasil*. A primeira edição, em formato Jornalivo, teve uma tiragem de 5 mil exemplares e esgotou-se em pouco tempo. Foi publicado,

então, a segunda edição em formato livro, com a tiragem de 10 mil exemplares. Sem contar com propaganda ou esquema de distribuição, as edições esgotaram-se. Deve-se registrar o trabalho de vários amigos e companheiros (que levavam os livros

em suas bagagens para os eventos que ocorriam à época), o trabalho do Centro Pastoral Vergueiro (CPV), na verdade, o maior centro distribuidor para o movimento operário e popular; e, a contribuição da Editora Ensaio, que distribuiu o livro nas livrarias.



O *História das Tendências*, tanto no formato Jornalivro quanto livro, teve o objetivo de contribuir para a formação política dessa geração sedenta de conhecimento sobre a história das lutas e das organizações políticas dos trabalhadores. Portanto, definimos um valor acessível aos leitores. Mesmo assim, foi possível restituir os custos do financiamento e ainda contribuiu para a aquisição da casa que morei em São Paulo, propiciando as condições para que superasse a dependência de pagar aluguel.

Escrever o *História das Tendências no Brasil* levou-me à leitura dos textos marxistas (Declarações, documentos internos e públicos, teses, panfletos, etc.). Antes, por curiosidade militante, já havia tido lido parte da obra de Marx e Engels, Lenin, Trotsky e Rosa Luxemburgo, entre outros. Por outro

lado, conheci muitos camaradas da “velha geração”, alguns deles sobreviventes da repressão que sofreu a esquerda brasileira no pós-1964.

Entrevistei representantes dos diversos *marxismos*. Isto, numa época em que as marcas indelévels, físicas e psíquicas, da longa noite ditatorial eram relativamente recentes. Isto contribuía para manter o clima de insegurança política e uma relativa desconfiança em relação ao entrevistador. Não foi fácil. Afinal, o pesquisador era um “ilustre” desconhecido, um autodidata de origem operária pertencente à geração que via com certa ojeriza a tradição marxista.

Tendíamos a supervalorizar os erros e a não reconhecer os aspectos positivos da geração que nos antecedeu. Eles, os marxistas, especialmente os oriundos do *partidão* e da vertente stalinista, eram

os derrotados, aqueles que cometeram equívocos políticos graves como a política de colaboração de classes e compactuaram com os pelegos encastelados na velha estrutura sindical getulista. Além disso, eram os fiadores do “socialismo realmente existente”, burocrático e autoritário.

Era preciso superar este passado e iniciar uma nova era. Arrogantemente, imaginávamos que estávamos diante de um novo início com as greves operárias do ABCD, a formação do PT e da CUT. Ignorávamos a história e se nos voltávamos para o passado era para criticá-lo e descartá-lo, como se isso fosse suficiente para nos libertarmos dos fantasmas.

Escrever o *História das Tendências no Brasil* me libertou desta ignorância e possibilitou um melhor conhecimento dos *marxismos* como parte inseparável da história deste país. Mantive vínculos de respeito, e até mesmo de amizade, que perduram. Anos depois, quando fiz o mestrado sobre *Os partidos, tendências e organizações marxistas no Brasil (1987-1994): permanências e discontinuidades*³, aprofundi estes laços e tive contato com outros militantes dos *marxismos*. Sou grato por possibilitarem a conclusão destes trabalhos e proporcionarem o aprofundamento do meu aprendizado.

O impulso para pesquisar e estudar os *marxismos*, como autodidata ou mestrando, resultou da mera curiosidade pelo saber. O anticomunismo, por exemplo o conselho para manter distância do companheiro que se assumia comunista, atijou ainda mais o

desejo de conhecer. Essa curiosidade foi de uma geração – e não me refiro à idade, mas ao significado histórico. Isto, entre outros aspectos, explica a aceitação do *História das Tendências no Brasil*. Esta experiência de leituras e convivências foi uma das minhas melhores *universidades*. Ensinou-me muito!

Contudo, não aderi aos partidos ou organizações marxistas. O mais próximo que cheguei disso foi a participação no Espaço Marx, por ocasião da comemoração dos 150 anos do *Manifesto Comunista*. Foi uma experiência fértil, mas também frustrante. Essa trajetória prática e teórica aproximou-me cada vez da obra de Marx/Engels. Porém, quanto mais me aproximei deles, mais me afastei dos “marxismos”.

Apreendi, na prática e na teoria, a diferenciar Marx dos marxismos.⁴ Da mesma forma que não podemos responsabilizar Jesus Cristo pelo que os cristãos fizeram e fazem em seu nome, também seria absurdo identificar de forma absoluta a teoria de Karl Marx com as práticas, e mesmo as interpretações teóricas, dos seus seguidores. Quem é a expressão verdadeira da obra marxiana? Não é por acaso que todos disputam o legado histórico, a tradição que a obra original representa. Trata-se de se apropriar do capital simbólico.

Eu era apenas um curioso que tentava aprender o que era comunismo, marxismo, etc. Por isso, escrevi o *História das Tendências no Brasil*.

³ Fiz o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP, sob a orientação do Maurício Tragtenberg. Este trabalho está disponível em: <http://www.4shared.com/file/76215451/72e0aad0/MESTRADO.html>

⁴ A palavra “marxismos” é utilizada propositadamente no plural para destacar a diversidade do que constitui o “campo marxista”. Ver “Marxismo(s) no plural”, REA 86, julho de 2008, disponível em http://www.espacoacademico.com.br/086/86oza_i.htm

Aliás, escrever este livro também me trouxe ironias e desconfiças. Por causa do meu interesse e das relações que estabeleci, alguns me trataram como se eu fosse uma espécie de vírus que contamina o corpo político. Diziam que eu era marxista, comunista. E, de fato, terminei por me aproximar do marxismo. Mas, na verdade, eu não era marxista. Eu era cristão, da Teologia da Libertação. Este foi o meu caminho para Marx. Esta experiência me libertou da necessidade de venerar deuses profanos sacralizados na luta política. Mas não me livrou das etiquetas ideológicas.

O *História das Tendências no Brasil* foi escrito com objetivos militantes, sem qualquer preocupação acadêmica. Isto fica nítido na introdução:

Este trabalho é também uma tentativa de contribuir para que se acabe com a “caça às bruxas”, com o sentimento anti-comunista, para que se passe a discutir a partir de posições e propostas políticas concretas e não de rótulos. Inegavelmente, os companheiros que militam em organizações autodenominadas marxistas são alvo do anticomunismo que está enraizado na própria sociedade, sentimento este presente em setores da própria esquerda. É claro que o sentimento anti-tendência é fruto também dos erros e muitas vezes do sectarismo existente tanto entre os próprios militantes de tendências como também entre os militantes que não pertencem a estas organizações. Entretanto, é principalmente a falta de conhecimento maior sobre o assunto e de discussão política que levam muitos companheiros a serem contra simplesmente pelo fato de ser, a confundirem comunismo com a prática e a teoria

política das organizações que se reivindicam comunistas e a caírem num espontaneísmo que encobre a necessidade de organização política dos trabalhadores. Estes companheiros não procuram uma discussão que tenha como base a prática e as propostas políticas, mas caem em uma posição de rotular as pessoas e de condená-las por serem desta ou daquela tendência. Isto chega a um ponto em que não se procura saber a prática e as idéias, mas sim de que tendência este ou aquele companheiro participa.

Ninguém é a favor ou contra alguma coisa simplesmente porque é, mas sim porque fez uma análise que o levou a chegar a uma conclusão sobre “o quê” e “o como”. Dessa forma, o que procuro mostrar neste trabalho é que as várias propostas existentes são frutos de análises estruturais e conjunturais do momento político, da história e dos interesses em jogo. É lógico que diferentes análises levarão a diferentes táticas para o mesmo objetivo.

Se considerarmos os critérios ditos científicos que orientam o trabalho intelectual no campo acadêmico, o autor pode ser considerado autodidata – na época em que escreveu, tinha concluído o Ensino Médio e nem lhe passava pela cabeça ser estudante universitário, muito menos professor de uma universidade. De fato, se avaliado pelos critérios acadêmicos, os aspectos criticáveis eram muitos. A professora Isabel Loureiro fez a crítica acadêmica em resenha publicada no jornal *O Estado de São Paulo* (04 de outubro de 1987). Anos depois, a convidaria para participar da minha banca de mestrado, sob a orientação de Maurício Tragtenberg. O tema era a continuidade do *História das Tendências no Brasil*.

04/10/1987, DOMINGO, PÁGINA 5

● EDIÇÃO NACIONAL



Fac-símile da resenha “Reforma (argh) ou (ufa) Revolução?” publicada pela Prof^a Dra. Isabel Loureiro em *O Estado de S. Paulo*.

Não faltaram piadinhas sobre “o operário intelectual”. Muitos, porém, apoiaram. Regina, Leo, Didice, Manoel Del Rio, Gorete, Cidinha e, claro, a Dora. Fora do meu círculo de amigos, devo registrar a contribuição do Marco Aurélio Garcia. Quando escrevi a primeira versão, dividida em três partes, nos reunimos no NEP-13 de Maio para avaliar. O Marco Aurélio Garcia, que eu conhecia só de nome e por ler a série que ele publicou sobre a esquerda no Brasil no jornal *Em Tempo*, foi convidado. Os comentários dele foram fundamentais para a versão que foi publicada, inclusive alterando a estrutura, o peso dado a cada período, etc. Sou-lhe grato. O lançamento da segunda edição, formato livro, foi no Sindicato das Assistentes Sociais, promovido pela Didice.

A ideia deste livro nasceu na Pastoral Operária do Parque São Lucas. Na época, organizamos um curso sobre a história do marxismo e as internacionais e convidamos o Prof. Reginaldo. Por minha iniciativa, gravamos as

exposições e, depois, ao fazer o trabalho de transcrição, pensei em aprofundar o tema. A ideia ganhou corpo e saí a campo a buscar bibliografia sobre o tema – e nisto o Centro Pastoral Vergueiro foi muito importante – e a fazer contatos e entrevistar. Devo agradecer à Aparecida Dolores Veronese e Maria Aparecida Tijiwa Birk.

Esta foi a minha primeira produção intelectual. Embora não acadêmica, foi definidora dos meus rumos, contribuindo com o meu interesse para voltar a estudar e ingressar na Faculdade. Quanto comecei a estudar Ciências Sociais, em 1991, trazia em mim as experiências práticas da militância e o aprendizado de como pesquisar um tema, escrever uma obra, etc. O gosto pela leitura, o amor e a curiosidade pelo saber estavam fortalecidos e delimitaram a minha atuação como estudante. Isto foi fundamental em minha trajetória acadêmica, pois consolidou uma forma de ser e agir diante do conhecimento.

Além disso, o livro também foi importante no sentido de “abrir portas”, como uma espécie de “cartão de visitas” – ou, como diria Bourdieu, capital cultural. Quando me inscrevi para o mestrado na PUC/SP estava concluindo a graduação. Na entrevista, um dos professores disse-me: “Então, você é o autor do *História das Tendências no Brasil*? Eu li”. Esse professor, o Lucio Flavio Almeida, seria meu professor no mestrado e nos tornamos amigos. Não o conhecia, nem os demais da banca. Imagino que o *História das Tendências* contribuiu para uma avaliação positiva. Na época, eu já conhecia o Maurício Tragtenberg, mas não me senti à vontade para procurá-lo e conversar sobre as minhas pretensões de fazer o mestrado na PUC, não achava correto. Só conversei com ele depois da aprovação. Na verdade, a iniciativa foi dele, que me ligou. Fiquei muito feliz em tê-lo como orientador.

Iniciei o mestrado na PUC/SP com uma ideia que consistia em estudar o Partido dos Trabalhadores, a partir da hipótese de que ele abandonara seus princípios e programa fundadores e, ainda que em contexto histórico diferente, repetia a trajetória da social-democracia europeia. Com o tempo, porém, percebi que a minha hipótese era na verdade uma posição política sobre o PT. A crítica aos caminhos e descaminhos do petismo já vinha sendo elaborada interna e externamente ao partido. Hoje, percebo como é típico de muitos projetos de pesquisa direcionados para confirmar uma análise que já está dada *a priori*.

Conversei com o meu orientador sobre as minhas dúvidas quanto ao desenvolvimento do projeto. Ele fez sugestões, mas não impôs qualquer tema ou condição. Ele apostava na autonomia dos seus alunos e

orientandos. Uma conversa com o José Leite, que eu conhecia da militância e também fazia mestrado na época, me deu a luz que iluminou os meus próximos passos. Passei, então, a trabalhar um tema que era a continuidade do História das Tendências no Brasil. A Dissertação, defendida em 1998, foi intitulada: “Os Partidos e Organizações Marxistas no Brasil (1987-1994): Permanências e Descontinuidades”, A banca foi composta por Maurício Tragtenberg (orientador), Isabel Loureiro e Lúcio Flávio de Almeida. O mestrado na PUC foi uma das melhores fases da minha vida. Fiz várias disciplinas, conheci professores e professoras que deixaram saudades e foram fundamentais em minha trajetória e consolidei amizades que permanecem até os dias atuais.



Enquanto fazia o mestrado resgatei as minhas leituras dos anos de militância no PT, reelaborei e publiquei “*Partido de massas e partido de quadros: a social-democracia e o PT*” (São Paulo: CPV, 1996. 186p.). Este foi o segundo livro publicado. Os direitos autorais foram cedidos ao Centro de Pesquisa e Documentação Vergueiro (ex Centro Pastoral Vergueiro), entidade na qual

trabalhei e fiz parte da equipe (01.08.1988 a 01.11.1990). Na introdução desta obra, informo aos leitores:

Em fins de 1988, estimulado pela militância no *Partido dos Trabalhadores* e pela experiência autodidata, dediquei-me a estudar a questão do partido na história do movimento operário internacional. O núcleo central deste esforço **teórico-prático** repousava sobre os tipos de organização partidária construídos no processo histórico, ou seja, o **partido de massas** e o **partido de quadros**.

A primeira versão deste trabalho ficou pronta no início de 1991. Então, missão cumprida, reproduzi algumas cópias, deixei uma para uso coletivo no *Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro (CPV)* e, como se diz, fui cuidar da vida.

A versão que agora publicamos foi retomada no início deste ano. Embora mantenha a estrutura do projeto original, ela foi reescrita à luz da experiência teórica e prática e das contribuições de várias pessoas com quem tive a sorte e a alegria de conviver.

Embora incorpore a vivência acadêmica desses anos - um privilégio neste país -, não tenho qualquer pretensão de caráter academicista. Dedico-me, principalmente, àqueles companheiros e companheiras que participam do movimento social e aos que têm a avidez do conhecimento.

Embora já tivesse concluído a graduação em Ciências Sociais e estivesse cursando o mestrado, mantinha uma postura crítica ao campo acadêmico anunciada na introdução do *História das Tendências no Brasil*:

Tendo claro que vivemos em uma sociedade capitalista e que os valores burgueses predominam em toda sociedade, é compreensível que, mesmo em nosso meio, haja companheiros que ainda não conseguiram romper com o preconceito cultural quanto à capacidade de produção intelectual dos trabalhadores que não cursaram universidades - estes tendem muito mais a valorizar os títulos universitários. Enveredar por tais caminhos apenas contribui para a manutenção deste preconceito, que nada mais é do que um preconceito de classe. Isso não significa que devemos combater os intelectuais pelo simples fato de serem formados em universidades. Não. O critério não é este. O critério é de classe: de um lado estão os intelectuais - formados ou não em universidades - que colocam-se a serviço da causa dos trabalhadores; do outro lado, os que estão sob o soldo da burguesia. A universidade, como o conhecimento, não pode continuar sendo propriedade da burguesia: é nosso dever lutar para que tenhamos o direito ao acesso livre e gratuito à universidade e ao conhecimento. Acredito, no entanto, que independentemente de cursar universidades, temos potencialidade intelectual a desenvolver e devemos procurar meios de fazê-lo. Ao empreender tarefas como a escrita, a arte, etc., rompemos com os preconceitos de classe, com o monopólio do conhecimento e contribuimos com a formação política, não só de outros companheiros, mas também com a nossa: é um aprendizado mútuo e constante.

Aqui, novamente, fica explícito o caráter engajado e militante de *História das Tendências no Brasil*.

O terceiro livro publicado resulta da pesquisa e elaboração da tese de

doutoramento “Maurício Tragtenberg e a Pedagogia Libertária”, defendida em 2004 na Universidade de São Paulo (USP). Além do orientador, o Prof. Dr. Nelson Piletti, participaram da banca: Prof. Dr. Celso Beisiegel, Prof. Dr. Henrique Rattner e o Prof. Dr. Walter Praxedes – que, na prática, desempenhou o papel de co-orientador.

O período do doutorado foi muito importante em minha trajetória intelectual e acadêmica. As leituras, as disciplinas que cursei, as entrevistas realizadas, a elaboração do texto, etc., foram passos marcantes que transformaram a minha vida. Todos foram muito importantes nesta fase, mas quero fazer um registro especial aos amigos orientador e co-orientador e à Beatriz Tragtenberg, que me apoiou desde o início e foi solidária todo o tempo. O doutorado, inclusive, possibilitou que a conhecesse mais profundamente e consolidássemos laços de amizade. Como costume afirmar nas oportunidades em que participo de bancas, o texto avaliado é importante, mas não diz tudo sobre quem o escreveu e o processo de pesquisa e elaboração. Um mestrado ou doutorado é importante na medida em que vai além das exigências formais-burocráticas da carreira acadêmica e resultam em crescimento humano e intelectual.

Não foi fácil fazer o doutorado sobre uma pessoa que tanto admiro e que tem um significado importante em minha vida. Como manter o distanciamento necessário e evitar que um trabalho de cunho biográfico se torne uma hagiografia? Aliás, este foi um dos principais questionamentos da banca. Para mim, este trabalho foi uma forma de reconhecimento e agradecimento.

Escrever sobre Mauricio Tragtenberg foi uma de homenagem. Como diz o

poeta Manoel Bandeira em “Os Nomes”:

Duas vezes se morre:
Primeiro na carne, depois no nome.
A carne desaparece, o nome
persiste mas
Esvaziando-se de seu casto
conteúdo
– Tantos gestos, palavras, silêncios
–
Até que um dia sentimos,
Com uma pancada de espanto (ou
de remorso?)
Que o nome querido já não nos soa
como os outros.”

Morre-se duas vezes: a morte física e a morte pelo esquecimento. A segunda morte não é inevitável. Este trabalho é um resgate da obra de Maurício Tragtenberg, uma contribuição à sua memória, a que não o esqueçamos. Foi realizado com paixão, mas com a racionalidade necessária que leva em consideração as exigências da academia. Precisei aprender a exercitar a arte do elogio. Como controlar as emoções quando a admiração e a estima encontram-se no tênue limite entre a manifestação de estima e o culto à personalidade? É possível, quando falamos e escrevemos sobre os que gostamos e admiramos, evitar a apologia?

Se os vivos não conseguem impor limites à maneira como a obra é incorporada por leitores, interpretadores e eventuais discípulos, a obra dos mortos fica à mercê das interpretações e usos dos epígonos. O legado das celebridades periga se tornar um bem simbólico disputável no mercado. O alcance da influência da obra dos intelectuais de relevo coloca o problema da apropriação e sacralização do seu discurso. Sua herança pode transformar-se em argumento de autoridade e objeto de disputa e corre-se o risco do autor ser

alçado ao *status* de profeta, fundador de uma ordem sacerdotal. O ‘discípulo’, membro desta ordem fictícia ou real, posa de “guardião da autoridade da mensagem” e tem a pretensão de delimitar o que é verdadeiro — ou seja, sua interpretação sacerdotal da obra do mestre — instituindo as dualidades entre as leituras legítimas e as ilegítimas.

Todo autor, cuja obra ganha destaque arrisca-se, ainda que não seja a sua intenção, a conquistar discípulos. O reconhecimento do seu valor e a merecida homenagem comporta duplo perigo: reprodução acrítica e a bajulação intelectual – fenômenos nem sempre perceptíveis pelos que os praticam. A repetição de conceitos, frases e fórmulas, pode parecer o meio correto para a preservação da mensagem legada; a lisonja pode se confundir com a estima. De qualquer forma, é compreensível que assim seja: muitas vezes, constituem formas de sublimação da dor que sentimos com a perda daquele que consideramos o mestre.

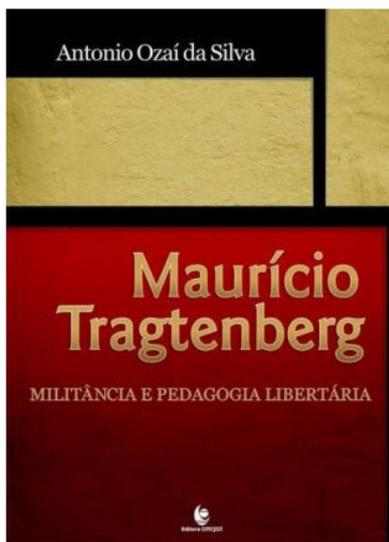
A atitude idólatra do discípulo concede ao texto um caráter dogmático e hagiográfico. Isso dificulta o debate científico e tornam imperceptíveis a riqueza da sua obra e os caminhos apontados pelo autor. A melhor homenagem que podemos prestar a um autor é, a partir do seu reconhecimento, tentar ir além dele – tarefa difícil e nem sempre possível. Por mais que gostemos de um autor, por mais que o respeitemos, devemos superar a relação de encanto e manter a postura crítica: o contrário é desqualificá-lo. A estima não deve ser confundida com a bajulação.

A veneração não é o melhor caminho para se analisar ou homenagear um autor. Há momentos em que é preciso

praticar, à maneira freudiana, uma espécie de assassinato da figura paterna. Isso significa romper com a tendência de transformar homens em heróis, em tratar a sua vida e obra de maneira hagiográfica e de subtraí-los do mundo dos homens comuns, repletos de acertos e erros. Não é fácil: corre-se o risco da incompreensão e de ser declarado infiel ou traidor.

Essas reflexões expressam a angústia, inquietante e individual, de quem abraça o desafio de resgatar, compreender, analisar e contribuir para o registro histórico do legado de Maurício Tragtenberg. O reconhecimento, a gratidão e a homenagem cobram o preço da emoção. Quanto maior o envolvimento emocional maior o tributo que pagamos. Mas os homens e mulheres não são apenas razão, mas também sentimentos. Em certas circunstâncias, o equilíbrio entre razão e sensibilidade é muito difícil – e ainda bem! Penso que aprendi bem com o Maurício Tragtenberg e consegui cumprir os objetivos do doutorado com a paixão orientada pela razão. As contribuições do meu orientador e co-orientador foram essenciais para conseguir o equilíbrio necessário. A julgar pelas arguições da banca, consegui superar este desafio.

A Tese, com as devidas adequações ao público leitor, foi publicada em 2008 pela Editora da Unijuí. Devo esta realização ao estímulo e apoio do professor, companheiro e amigo, Paulo Denisar de Fraga. É interessante como um trabalho acadêmico torna possível conhecer indivíduos especiais e ímpares. Relações fraternas e de respeito mútuo que fazem nascer laços de amizade duradoura. Este é, sem dúvida, o aspecto mais importante na caminhada acadêmica.



Além dos livros publicados, tive a alegria de escrever e publicar artigos e capítulos de livros. Destaco, os textos sobre Maurício Tragtenberg publicados. A produção acadêmica não precisa se render aos ditames do produtivismo acadêmico imperante no *campus*. Aliás, esta tem sido uma reflexão constante, como pode ser verificado pelos textos publicados na *Revista Espaço Acadêmico*:

“*Apologia da competência e a defesa da universidade pública*” (REA, nº 14, julho de 2002, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/014/14pol.htm>)

“*Óleo de Lorenzo e Patch Adams: a arrogância titulada*” (REA, nº 28, setembro de 2003, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/028/28pol.htm>)

“*Os intelectuais diante do mundo: engajamento e responsabilidade*” (REA, nº 29, outubro de 2003, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/029/29pol.htm>).

“*Aqui jaz fulano de tal... e a sua superioridade!*” (REA, nº 30, novembro de 2003, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/030/30eaoz.htm>).

“*Sobre a vaidade no campo acadêmico*” (REA, nº 45, fevereiro de 2005, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/045/45pol.htm>).

“*A corrida pelo Lattes*” (REA, nº 46, março de 2005, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/046/46pol.htm>).

“*A sua revista tem Qualis?*” (REA, nº 56, janeiro de 2006, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/056/56ozai.htm>).

“*Somos todos delinquentes acadêmicos?*” (REA, nº 88, setembro de 2008, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/088/88ozai.htm>).

“*Produtivismo no campo acadêmico: o engodo dos números*” (REA, nº 100, setembro de 2009, disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/8148/4571>).

“*Reflexões sobre a ideologia produtivista a partir da leitura de “Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico”*” (REA, nº 109, junho de 2010, disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10339/5720>).

Estas reflexões expressam a crítica ao *modus vivendi* do *homo academicus*, o qual pressiona constantemente para a adaptação. Ainda que tenha consciência crítica do campo acadêmico, são várias as armadilhas presentes no cotidiano. Na verdade, as exigências administrativas, burocráticas e acadêmicas impõem práticas e discursos legitimadores que nos cercam por todos os lados. Estamos sujeitos à lógica da concorrência: somos assalariados, submetidos a regras e normas

burocráticas que regem o nosso dia-a-dia.

Não é fácil resistir à pressão pela adaptação. Vivemos a contradição da obediência à autoridade racional burocrática, às exigências inerentes à sobrevivência pessoal e acadêmica e, simultaneamente, a consciência da necessidade de negar e criticar o campo do qual somos partes. Eis o paradoxo do intelectual que, apesar de tudo, insiste em não se submeter. Nesses momentos, devemos nos mirar no exemplo de intelectuais como Tragtenberg, Bourdieu e Edward W. Said, entre outros, que mostraram a possibilidade de sobrevivermos sem fazer o sacrifício do espírito crítico e da liberdade, ainda que saibamos dos limites e dificuldades. Como escreveu Said:

“Em outras palavras, o intelectual propriamente dito não é um funcionário, nem um empregado inteiramente comprometido com os objetivos políticos de um governo, de uma grande corporação ou mesmo de uma associação de profissionais que compartilhem uma opinião comum. Em tais situações as tentações de bloquear o sentido moral, de pensar apenas do ponto de vista da especialização ou de reduzir o ceticismo em prol do conformismo são muito grandes para serem confiáveis. Muitos intelectuais sucumbem por completo a essas tentações e, até certo ponto, todos nós. Ninguém é totalmente auto-suficiente, nem mesmo o mais livre dos espíritos”.⁵

A exigência da adaptação é forte. Os inadaptados são vistos como um tipo em extinção. No reino do vale tudo na competição por prestígio e vantagens materiais e financeiras, a recusa só pode

⁵ SAID, E. W. *Representação do Intelectual: as Conferências Reiht de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 90.

ser caracterizada como ingenuidade própria dos tolos. Não advogo o auto-isolamento ou uma atitude do tipo “ludista”, mas sim a necessidade de manter a lucidez e usar os meios que a própria universidade oferece, e o nosso trabalho intelectual, para combater o poder e as ilusões dos conformistas. O sentido da vida, e do viver, é mais profundo do que as fúteis vaidades e sonhos consumistas que acalentamos. É preciso tirar o véu que encobre a realidade e resistir aos devaneios de uma existência vazia de significados. É possível ser e agir diferente; é necessário resistir aos “inimigos da esperança”!⁶

Neste sentido, sigo as pegadas de Maurício Tragtenberg, que, nas palavras do Prof. Afrânio Mendes Catani, foi “um intelectual contra o poder intelectual”.⁷ Sinto-me um “estranho no ninho”, um *outsider*. Não é tarefa fácil cortar a própria carne e elaborar a crítica ao campo do qual se faz parte. Os dissabores, incompreensões e outras reações humanas, demasiadamente humanas, são os frutos amargos; mas, há os bons frutos a colher e, acima de tudo, a reflexão crítica é fundamental ao exercício do intelectual. Este, como diria Said, está na posição de exilado.

3. Editor de periódicos e atividades afins

Outro aspecto que considero importante em minha práxis docente é a atuação enquanto editor de periódicos, membro de conselho consultivo de revistas

⁶ Ver: WATERS, L. (2006) *Inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição*. São Paulo: Editora da Unesp.

⁷ CATANI, Afrânio Mendes. “Maurício Tragtenberg: um intelectual contra o poder intelectual (1929-1998)”. Revista Adusp, junho de 1999, disponível em <http://www.adusp.org.br/files/revistas/17/r17a13.pdf>

acadêmicas e da Editora da Universidade Estadual de Maringá (Eduem).

Sou editor da Revista Espaço Acadêmico (REA) desde 2001. Tornei-me editor mais por complacência e generosidade dos demais membros do Conselho Editorial do que por qualidades comprovadas por experiência anterior. O reconhecimento foi uma consequência natural do fato de ter assumido a responsabilidade pela edição e publicação da revista, trabalho realizado com o Frontpage e o Dreamweaver.

Aprendi autodidaticamente os recursos básicos deste programa. Este trabalho também envolvia o estabelecimento de contatos, autores e consultores *ad hoc*, e a administração da revista. Em maio último, a revista completou 11 anos de publicação, 132 edições mensais publicadas ininterruptamente.

Desde a sua gênese, a REA mantém uma postura pluralista e democrática. Como afirmado em seu expediente, a revista

“recusa o enquadramento ideológico e político-partidário. O debate acadêmico não pode ser autêntico e dinâmico se estiver prisioneiro dos *ismos* e da miopia política ideológica dos que se imaginam senhores da verdade, amparados em seus castelos de areia construídos dogmaticamente. A Espaço Acadêmico não se vê na função de converter ninguém a quaisquer cânones nem se dirige apenas aos convertidos.

Entendemos que a realidade é mais complexa do que os fáceis maniqueísmos e que os preconceitos e os dogmatismos não são terrenos férteis para o debate democrático aberto a novas perspectivas frente a um mundo que exige ir para além do pensamento

convencional. A liberdade de expressão, a pluralidade democrática prescindem dos preconceitos e dogmatismos. São necessários coragem e esforço comum tanto para a crítica como para a autocrítica; e também para estar sempre disposto a trocar idéias e polemizar.

Esta linha editorial comprova-se na abrangência dos artigos, temas e autores, bem como, na sua receptividade entre os leitores. Isto não significa que as posições políticas-ideológicas individuais expressem o coletivo da revista. Não somos, nem pretendemos ser, uma organização política-partidária e/ou sindical. Também não aceitamos o pensamento monolítico, seja à esquerda ou à direita.⁸

Reproduzo aqui trecho do expediente da revista porque expressa a atitude que orienta o trabalho editorial – na verdade, o texto foi elaborado pelo editor, com uma ou outra alteração sugerida pelos demais, e, portanto, reflete o seu pensamento sobre a revista, seu significado e compromisso pessoal. Na verdade, não foi fácil manter a linha editorial. Pressões de uns e outros, vaidades, melindres ou mesmo divergências política e ideológicas exigiram muita paciência e a busca do equilíbrio editorial.

A revista tornou-se uma referência no campo acadêmico, mas o seu crescimento terminou por desvirtuar seu compromisso original de ser um espaço do exercício da reflexão crítica. A REA, hoje, cumpre o papel de desaguadouro da produção acadêmica, em especial de autores vinculados aos programas de

⁸ Texto na íntegra disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EsacoAcademico/about/editorialPolicies#focusAndScope>

pós-graduação. A lógica do produtivismo acadêmico capturou a REA, embora ela permaneça como um espaço para a crítica.

A Revista Urutágua também começou a ser publicada em maio de 2001. Inicialmente, a periodicidade era bimestral, atualmente é quadrimestral. A Revista Urutágua, direcionada especialmente à produção acadêmica discente, constitui-se numa experiência de aprendizado democrático fundamentado nos princípios coletivos da autogestão. Desde as origens, a participação discente na Revista Urutágua é uma prioridade. No coletivo não há diferenciações hierárquicas. Na praxis do Conselho Editorial não há distinções determinadas por titulações. Todos têm os mesmos direitos e deveres. Sua composição é determinada pelo compromisso com a revista.

Esta prática tem se revelado não apenas um espaço no qual se exerce a democracia, mas também um fórum de aprendizado mútuo. Um fator que contribui para isto é o caráter multidisciplinar e pluralista da revista. Não há veto ideológico à participação no conselho, garantindo-se a diversidade necessária para o debate democrático. Dessa forma, a atividade de membro do conselho editorial acaba por se tornar parte de um processo educativo, tanto no que diz respeito às relações de poder no campo acadêmico quanto em relação ao saber.

Outra experiência editorial é a *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*. Sou editor associado da **Acta Scientiarum** desde abril de 2008. Tem sido um aprendizado importante, especialmente no que diz respeito ao trabalho em equipe. A Eduem oferece todo o suporte necessário, o que favorece em muito o desempenho da atividade de editor. É uma equipe

excelente. Por outro lado, tenho a sensação de que permaneço só. Convidado a assumir a editoria, fui convencido com argumentos de que seria importante para o Departamento de Ciências Sociais, inclusive considerando-se o mestrado recentemente instituído. Com o passar do tempo, os interesses mudaram, as prioridades também e este projeto parece diluído. Não por minha vontade, mas por forças das circunstâncias, a Acta, da mesma forma que a REA, parecem mais um compromisso individual – do editor – do que coletivo.

Há a experiência enquanto membro do conselho editorial da Eduem. Para alguém arredo a reuniões formais, que se recusa a ocupar espaços no aparato burocrático da universidade, até que o saldo é positivo. O fato as reuniões serem esporádica contribui. A leitura dos textos propostos à publicação também contribui para o aprendizado.

Finalmente, mas não menos importante, há os blogs, um pessoal e outro vinculado à Revista Espaço Acadêmico. O blog pessoal é uma forma de expor as minhas opiniões e reflexões para os meus alunos, ex-alunos, colegas e leitores em geral. Com o blog, compartilho as alegrias e angústias da vida acadêmica e da existência. É a minha “cara pública”. O blog da revista tem como objetivo resgatar textos publicados na REA, mas que permanecem atuais e contribuem para a reflexão, além de publicar outros textos instigantes. Quanto à sua linha editorial, segue os mesmos princípios da revista.

4. Balanço e Perspectivas

Sou o resultado da convivência e experiências proporcionadas nos anos de descobertas. Sou a expressão dessa diversidade de influências e das opções que fiz. Recordo com carinho dos que

contribuíram no processo de construção da minha identidade, especialmente daqueles com quem convivi intensamente. Estou amalgamado a eles e elas, pessoas e instituições. Foram a minha escola de vida, são parte do meu ser. Ainda que, em determinada fase da caminhada, nossos caminhos tenham se distanciado e tornados distintos, carregos-os em mim como lembranças agradáveis ou fantasmas do passado que assombram o tempo presente. Sou a síntese possível, historicamente construída a partir dessa pluralidade de “universidades”.

O meu envolvimento sempre foi de uma paixão intensa, como também as rupturas e os novos caminhos escolhidos. Na dialética da vida, porém, a ruptura não é plena. A continuidade sobrevive na descontinuidade. A adesão ao novo, às novas idéias, exige o tributo às velhas idéias e relações abandonadas nas trilhas do viver. Introjetamos em nosso ser o adolescente de ontem, as primeiras idéias que nos conquistaram, as amizades fecundas, os prazeres e frustrações dos primeiros amores, os sonhos e esperanças, a utopia compartilhada na práxis militante. Como uma metamorfose ambulante nos transformamos em um novo ser, mas o passado permanece presente em nosso âmago. O que somos e pelo que vivemos hoje vincula-se com o que fomos e vivenciamos no passado.

Apesar de todos estes anos na universidade, ainda me sinto como um “estranho no ninho”, um *outsider*. Isto, somado à minha atitude de nutrir a *liberdade de espírito*, à dificuldade de incorporar-se a um grupo, à independência política e intelectual, fazem com que o isolamento seja a regra. Também contribui para isto o caráter individualista do trabalho intelectual e a escassez de relações

personais de amizade mais presentes no cotidiano. Talvez seja uma característica da universidade e da cidade, mas os contatos pessoais tendem a se restringir ao *campus* e ocasiões bem específicas. Há uma espécie de auto-isolamento de cada um em suas respectivas casas e famílias, o que dificulta vínculos mais presentes. A verdade é que o *campus* produz uma forma de vida racional que separa as pessoas e as alienam em seu trabalho. Os espaços de convivência são os espaços formais. Tudo isto gera uma situação que não nos deixa à vontade para procurar o outro, visita-lo. Por outro lado, sabemos que não receberemos a visita do outro, que, como sempre, está muito ocupado e adaptado à situação. Com o receio de atrapalhar ou criar constrangimento, permanecemos na mesma posição. Quão diferente era a vida de operário, com as visitas mútuas, as vezes o almoço na casa do outro – e vice-versa – as tardes de domingo de bate-papos e jogos de dominó e truco, as conversas regadas a cerveja nos bares, etc. A amizade, então, era mais concreta e presenciada. Na universidade, em Maringá, sinto-me só!

Pode parecer estranho uma reflexão deste tipo num “memorial”. Mas a vida é mais do que as formalidades acadêmicas, as exigências da docência, as relações profissionais. A universidade parece cindir o indivíduo em duplos e múltiplos, como se exigisse que nela nos tornemos outro, uma máscara, uma *persona*. Embora as atividades acadêmicas nos aproximem, as reuniões formais sejam oportunidades de “estar juntos” e ocorram outras formas de interação, tudo parece superficial, alienante e de uma racionalidade gélida.

A docência é o aspecto que compensa tudo isto. É na atuação como educador

que me realizo enquanto ser humano inserido no *campus*. É certo que as aulas também tem as suas dificuldades, arestas a aparar, conflitos, etc. Mas compreendo bem que a relação docente-alunos é uma relação humana, portanto, submetida à condição humana. Sempre peço aos alunos que avaliem as disciplinas. Aprendo com as críticas e observo que há o reconhecimento

quanto aos meus esforços para desempenhar da melhor forma possível o trabalho educativo. A melhor prova deste reconhecimento foi a homenagem que os alunos me fizeram, ao me escolherem por três vezes consecutivas como nome e/ou patrono de turma. Como diz aquela propaganda, “não tem preço”!



Formandos 2009: Tiago, Mariana, Alexandre, Rafael, Joel, Everton, Eliseu, Rafael, Celso, Júlio e Douglas (da esquerda para a direita - atrás); Fernanda, Franciele, Paula, Drieli, Veronica e Natália (frente). Foto do orkut da Veronica



Colação de Grau Ciências Sociais (UEM), 27.01.2011. Foto: Nicolle Montalvão Pereira

A atividade como editor, e também como avaliador de textos encaminhados por outros periódicos, é algo que toma muito tempo na frente do computador, mas que não aparece nem tem peso diante das exigências do produtivismo acadêmico. Às vezes é desgastante, do ponto de vista psicológica, mas é algo que gosto de fazer. Imagino que resulte em alguma contribuição, especialmente para os autores necessitados em ter espaços para publicar e cumprir as exigências produtivistas dos seus programas de pós-graduação e das instituições de fomento. Às vezes fico a refletir se todo este trabalho tem sentido, se vale a pena!

As minhas perspectivas não são ambiciosas. Aliás, devo sofrer de algum mal congênito pois não consigo aderir à dinâmica competitiva nem me dedicar à conquista supérflua de *status* e posições no *campus*. O poder não me atrai! A minha maior ambição é permanecer vivo por mais tempo – espero que não muito pois não quero me tornar um transtorno para os outros – e continuar a fazer o que mais gosto: dar aulas, ler, escrever e, simplesmente, viver!

Sei, porém, que o ambiente acadêmico tem a sua lógica e exigências. Pretendo cumprir com as tarefas sob a minha responsabilidade e continuar a aprender para ser um bom educador. Não parar no tempo, eis o meu objetivo! Pois quanto mais leio e aprendo, tenho a certeza de que pouco sei. Aprimorar a minha práxis docente e a escrita constituem desafios permanentes. Espero, assim, contribuir com a formação humana e intelectual dos meus alunos. A meu ver, tudo o mais que fazemos na universidade deveria submeter-se a este propósito. Às vezes, esquecemos as atividades fins, os compromissos éticos e gastamos muito tempo da nossa vida com mesquinhas, os pequenos poderes e as atividades meios enquanto um fim em si mesmas. De qualquer forma, chegaremos ao fim, o nosso fim! Então, o tempo terá passado e não será possível recuperá-lo! Deve ser triste olhar para trás e perceber que foi em vão! Não quero repetir esta tristeza, espero olhar pelo retrovisor do tempo e dizer: “Sim, valeu a pena viver!”